

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

**PEDRO POLEWACZ BATISTA**

**JESUS CRISTO COMO PLENITUDE DO SENSO RELIGIOSO NA TEOLOGIA DE  
LUIGI GIUSSANI**

**CAMPINAS**

**2024**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**  
**ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
**PEDRO POLEWACZ BATISTA**

**JESUS CRISTO COMO PLENITUDE DO SENSO RELIGIOSO NA TEOLOGIA DE**  
**LUIGI GIUSSANI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à faculdade de Teologia do Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

**CAMPINAS**

**2024**

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI  
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Batista, Pedro Polewacz

B333j

Jesus Cristo como plenitude do Senso Religioso na Teologia de Luigi Giussani / Pedro Polewacz Batista. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.

79 f.

Orientador: Paulo Sérgio Lopes Gonçalves.

TCC (Bacharelado em Teologia) - Faculdade de Teologia, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024.  
Inclui bibliografia.

1. Revelação. 2. Senso Religioso. 3. Luigi Giussani. I. Gonçalves, Paulo Sérgio Lopes. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Faculdade de Teologia. III. Título.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
PEDRO POLEWACZ BATISTA**

**JESUS CRISTO COMO PLENITUDE DO SENSO RELIGIOSO NA TEOLOGIA DE  
LUIGI GIUSSANI**

Dissertação defendida e aprovada em  
\_\_\_ de \_\_\_ de \_\_\_ pelo orientador:

---

Prof. Dr. Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

**CAMPINAS**

**2024**

## AGRADECIMENTOS

Introduzo os agradecimentos primeiramente rendendo graças àquele que me criou. Deus, na sua infinita bondade, imprimiu no meu ser a humanidade que devo buscar desvelar a cada dia, no encontro com o outro e comigo mesmo. Ser grato à possibilidade de ser e de existir é o que motiva minha humanidade, pois sei que fui criado não só por Alguém, mas *para* alguém, e meu coração se alegra ainda mais conforme a intensidade de minha união a este que me concedeu a possibilidade de sorrir, chorar, amar.

Também a Virgem Maria, a qual me fiz escravo por amor. Sou grato a tão ditosa Mãe, que nos momentos mais difíceis da minha vida se mostrou presente e me ensinou a ser presença. A ela todo meu carinho e coração.

Ao vir ao mundo, ganhei um ‘ser’ fruto de meu pai Marcelo Donizete Batista e mãe Ana Paula Polewacz que me deram a vida. Através deles e de minha avó materna Clarice Rodrigues Polewacz, meu avô materno Pedro Polewacz e aos meus irmãos Ana Luiza Polewacz de Campos e Yosef Polewacz, agradeço a todos os membros da minha família que me apoiam e acreditam na minha vocação. A família é o berço e o germe de toda a personalidade humana, e se hoje sou o que sou, devo também a eles, aos quais estimo e amo.

Agradeço a Arquidiocese de Campinas na pessoa de V. Ex. <sup>a</sup> Revma Dom João Inácio Müller, que, representando a voz da Igreja neste território metropolitano, continua depositando confiança em minha vocação, que é exclusivamente dom e graça de Deus. A Igreja de Campinas tem sido uma verdadeira mãe durante todo este processo formativo ao qual estou submetido. A toda esta Igreja Particular (que para mim se tornou uma família), minha gratidão.

Ainda dentro da realidade da Igreja, agradeço também a toda a equipe de formação do Seminário Arquidiocesano de Campinas, na pessoa do Padre Tarcísio Pereira Machado (grande incentivador aos estudos) e Padre Paulo César Nascimento dos Santos (atual reitor do Seminário da Imaculada – Teologia). Na pessoa dos dois, agradeço a todos os Padres que contribuíram para minha formação humana e intelectual.

Agradeço ao psicólogo Prof. Dr. Paulo Roberto de Andrada Pacheco, que me apresentou a espetacular figura do Padre Luigi Giussani. O querido Paulo não apresentou apenas o autor através de suas redes sociais, como também me auxiliou nos primeiros passos do estudo para essa monografia. Ao apoio e incentivo ao estudo, e acima de tudo, ao seu amor pela pessoa humana, muito obrigado; Também na pessoa dele agravo ao Padre italiano Aurélio Riva (SCJ),

participante do movimento Comunhão e Libertação e que conheceu pessoalmente o amado Luigi Giussani. A partilha de suas experiências com Dom Giussani me animara muito e deram forças para continuar as leituras; Além disso agradeço também a “Passos” (revista do movimento Comunhão e Libertação): que através de algumas ligações me foi possível sanar dúvidas acerca do movimento. Por toda a disponibilidade, obrigado.

Não posso deixar de agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves. Seu rigor técnico e teórico me deram confiança na escrita e na elaboração deste trabalho. Acima disso, agradecer as partilhas, risadas e trocas de experiência. Obrigado por acreditar em mim e em minha capacidade e potencialidade (mesmo quando eu mesmo não acreditei ou duvidei): obrigado! Na sua pessoa quero agradecer também a todos os docentes que me ensinaram e me ajudaram no crescimento do pensamento teológico durante o curso de Teologia. A todos, o meu sincero agradecimento.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os meus amigos que me acompanharam nestes quatro (4) anos de curso de Teologia: obrigado por permanecerem; além deles, agradeço por fim meus irmãos de turma, com os quais partilho minha rotina: Felipe, Fábio, Emerson, Leandro, Charles e Moisés. A amizade é a certeza que a companhia de um outro nos ajuda a sermos nós mesmos. Obrigado!

*“Quien habla solo espera hablar a Dios un día” – Antônio Machado*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a Cristologia do teólogo Padre Luigi Giussani e sua incidência na concepção de Senso Religioso. Para chegar nesse objetivo, serão necessários alguns passos no estudo, passando por áreas como Teologia Fundamental, Antropologia até chegar em seu ápice que é a Cristologia, profundamente enraizada no Espírito Conciliar do Vaticano II e que impacta na visão eclesiológica do autor. Muito mais do que um trabalho para conclusão de curso, esse estudo quer ser uma condensação do pensamento teológico do autor e para os leitores um percurso no conhecimento de um Deus que se revela e que se torna presente, hoje, a cada pessoa humana.

Palavras-chave: Senso Religioso. Revelação. Antropologia Teológica. Cristologia. Luigi Giussani.

## **SINTESI**

L'obiettivo di questo lavoro è presentare la cristologia del teologo don Luigi Giussani e il suo impatto sul concetto di Senso della religione. Per raggiungere questo obiettivo, sarà necessario compiere alcuni passi nello studio, passando attraverso aree come la Teologia Fondamentale, l'Antropologia fino a raggiungere il suo apice che è la Cristologia, profondamente radicata nello Spirito conciliare del Vaticano II e che ha un impatto sulla visione ecclesiological dell'autore. Molto più di un lavoro di tesi, questo studio vuole essere un condensato del pensiero teologico dell'autore e per i lettori un viaggio nella conoscenza di un Dio che si rivela e che si rende presente oggi a ogni persona umana.

Parole-chiave: Senso Religioso. Rivelazione. Antropologia Teologica. Cristologia. Luigi Giussani.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I: O SENSO RELIGIOSO.....</b>	<b>17</b>
1. Premissas metodológicas.....	18
2. A natureza do Senso Religioso.....	22
3. O Itinerário do Senso Religioso e a hipótese da Revelação.....	27
<b>Conclusão.....</b>	<b>31</b>
<b>CAPÍTULO II: A CRISTOLOGIA GIUSSANIANA.....</b>	<b>33</b>
1. O destino do homem exige uma resposta.....	34
2. Os mistérios centrais de Cristo.....	37
2.1 Encarnação.....	39
2.2 Redenção.....	41
2.3 Ressurreição.....	45
3. O caminho de Jesus Cristo com o Homem.....	47
<b>Conclusão.....</b>	<b>53</b>
<b>CAPÍTULO III: CRISTO COMO MÉTODO E CONTEÚDO DA IGREJA.....</b>	<b>55</b>
1. O problema da Igreja como problema de Cristo.....	56
2. Os elementos constituintes da Igreja.....	61
3. A experiência humana como lugar de verificação.....	66
<b>Conclusão.....</b>	<b>72</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>78</b>

## INTRODUÇÃO

Em todo ser humano existe o desejo, ainda que inconsciente, de possuir uma resposta acerca daquilo que o constitui. Perguntas como: “quem eu sou?”, “por que existo?”, “de onde vim?”, “para onde vou?” fazem o ser humano tocar num núcleo de exigências próprio de sua vida, do compromisso radical com essa vida vivida e que se mostra nessas perguntas. São perguntas inextirpáveis que constituem o tecido da compreensão do que o ser humano é feito e que recebe o nome, nesse estudo, de “Senso Religioso”.

No discurso do Areópago (At 17, 22-34), o Apóstolo Paulo fala aos atenienses sobre a busca por respostas às perguntas fundamentais que emergem do cerne da pessoa humana. Ele identifica essas perguntas com a energia que impulsiona toda a atividade humana, provocando, sustentando e redefinindo constantemente essa mobilidade. Isso inclui até mesmo a migração dos povos e sua busca por Deus, que é aquele que dá a cada um a vida, a respiração e toda a possibilidade de ser, existir e se mover. Todo movimento humano tem essa fonte, essa raiz enérgica e misteriosa.

As religiões aparecem no mundo como essa tentativa de alcançar esse Mistério, esse deus desconhecido. Acontece que ele se tornou um fato normal identificável na trajetória histórica, agindo sobre ela. Essa suposição corresponde ao anseio humano de tocar, através das perguntas essenciais, aquilo que o constitui. Se o ser humano deseja esse encontro, o próprio Mistério vem e entra no tecido do mundo através da encarnação de Jesus Cristo, superando qualquer esforço que o homem possa fazer para alcançá-lo e para sanar no seu coração todo o “desejo de deus”. O homem deseja; o Mistério vem ao seu encontro; o homem passa a se relacionar com ele e viver um tipo de vida nova que sacia por completo essa busca inicial e que atualmente se dá na comunhão com a Igreja. Essa reviravolta do método religioso (não é o homem que vai, mas é Deus que vem) é a grande novidade que o cristianismo se propõe a oferecer ao mundo como um anúncio, como uma boa nova.

Para abordar esses temas, iremos nos embasar na teologia do Servo de Deus Padre Luigi Giussani. Ele nasceu em Désio (Milão) em 15 de Outubro de 1922. Este realizou seus estudos na faculdade de Teologia de Venegono (Diocese de Milão), na qual lecionou por alguns anos, especializando-se na Teologia Oriental (especialmente dos eslavófilos), na Teologia Protestante Americana e no aprofundamento da motivação racional da adesão à Fé e à Igreja. Na década de 1950, deixou o ensino no seminário para lecionar no ensino médio. De sua inovadora presença educativa nasceu “*Gioventù Studentesca*” (Juventude Estudantil) que virou mais tarde o

movimento “Comunhão e Libertação”. De 1964 a 1990 foi titular da cadeira de Introdução à Teologia na Universidade Católica do Sagrado Coração, em Milão. Monsenhor Luigi Giussani faleceu, em Milão, no dia 22 de fevereiro de 2005. Dentre as pessoas que o influenciaram no âmbito teológico, temos: Carlo Figini<sup>1</sup>, Carlo Colombo<sup>2</sup> e Gaetano Corti<sup>3</sup>.

Durante o Ensino Médio, Giussani se apaixonou pelo estudo da literatura, em particular pela obra de Giacomo Leopardi<sup>4</sup>, porque a sua “problemática parecia esconder todas as outras”. Se apaixonou tanto a ponto de aprender de memória todas as suas poesias e durante tempos estudava somente isso, “[...] depois, com dezesseis anos descobre uma chave de leitura da sua obra poética que fez dele o companheiro mais sugestivo do itinerário religioso”.<sup>5</sup>

A intuição do Padre Giussani nasce durante uma lição sobre o prólogo do Evangelho de João (posteriormente o próprio Giussani chamará esse episódio de o “belo dia”), na qual escutou o professor dizer: “O Verbo de Deus, ou seja, aquilo de que tudo consiste, se fez carne. Portanto, a beleza se fez carne, a bondade se fez carne, a justiça se fez carne, o amor, a vida, a verdade se fizeram carne: o ser não está em um supercelestial platônico, se fez carne, é alguém entre nós”. Naquele momento Giussani se lembra do hino “À sua dama” do poeta de Recanati: “Naquele instante pensei como aquela [poesia] de Leopardi fosse, mil e oitocentos anos depois, uma mendicância daquele acontecimento que já tinha acontecido, do qual São João anunciava: ‘O Verbo se fez carne’”

O conteúdo das suas lições são os temas que o acompanham – em um aprofundamento que se mostra infinito – ao longo de todo o seu itinerário humano e de educador: o senso

<sup>1</sup> **Carlo Figini** (1883-1967) foi ordenado sacerdote em 1905 e obteve um diploma em filosofia no *'Angelicum'* de Roma, além de um título em teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), também em Roma. Viveu em Venegono de 1930 a 1967. Durante sua vida, foi professor de teologia (dogmática fundamental e especial), diretor de *"La Scuola Cattolica"* e presidiu a 'Faculdade de Teologia de Milão'. Figini foi um conselheiro estimado do Arcebispo Montini e foi nomeado pelo Papa João XXIII como membro da 'Comissão Preparatória do Concílio Vaticano II' para os estudos e seminários.

<sup>2</sup> **Carlo Colombo** (1909-1991) foi ordenado sacerdote em 1931 e viveu em Venegono de 1931 a 1963. Durante esse período, teve Carlo Figini, professor de dogmática, como a figura mais influente em sua formação. Colombo atuou como reitor, professor, coadjutor de *"La Scuola Cattolica"* e presidente da Faculdade de Teologia. De 1962 a 1984, foi Bispo titular de Vittoriana e auxiliar de Milão (a partir de 1964). Durante o Concílio Vaticano II, era frequentemente referido como o "teólogo do Papa".

<sup>3</sup> **Gaetano Corti** (1910-1989) em 1932 foi ordenado sacerdote e se doutorou na Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG). De 1934 até 1957 residiu em Venegono, onde exerceu as seguintes funções: professor do Liceu (apologética e filosofia) e na teologia (Patrologia, teologia Fundamental e dogmática). Colaborou com *"L'Italia"* e *"La Scuola Cattolica"*. De 1966 até 1980; ensinou história do cristianismo na Faculdade de Pedagogia em Trieste.

<sup>4</sup> **Giacomo Leopardi** (1798-1837) foi um dos maiores poetas e filósofos italianos do século XIX. Nascido em Recanati, uma pequena cidade nas Marcas, Leopardi cresceu em uma família nobre, mas com recursos financeiros limitados. Ele se destacou como poeta lírico, autor de ensaios e tradutor. Suas obras mais conhecidas incluem *"Canti"*, uma coleção de poemas que refletem sobre a natureza, o amor e o sofrimento humano. Morreu aos 38 anos em Nápoles, deixando um legado duradouro através de sua poesia e reflexão filosófica.

<sup>5</sup> SAVORANA, A. Luigi Giussani: a sua vida. Coimbra: Tenacitas, 2017, p. 50.

religioso e a razoabilidade da fé, as hipóteses e a realidade; revelação, a pedagogia de Cristo ao revelar-se; a natureza da Igreja como continuidade da presença de Cristo na história até hoje.

Desde 1971, Giussani se aproxima e cria amizade com o cardeal Karol Józef Wojtyła, futuro João Paulo II, assim como uma grande amizade com o cardeal Joseph Aloisius Ratzinger. Após a eleição de Wojtyła como Papa, essa relação vai se estreitando cada vez mais, marcando profundamente a vivência do ministério de Giussani, a ponto de sempre fazer excursões com os jovens para visitar o Papa, seja no Vaticano ou no Castel Gandolfo.

Giussani, ao longo da sua trajetória, vai desenvolvendo uma Teologia Filosófica com implicações totalmente conciliares. Através do movimento fundado por ele, (Comunhão e Libertação) esse pensamento é divulgado pelo mundo inteiro através da afirmativa mote para seu próprio fundador: sim, Deus tem a ver com a vida humana e Jesus Cristo é o meio pelo qual essa comunicação acontece. Por isso, a fé vivida em comunhão é a verdadeira libertação do homem que encontra, em Jesus, as respostas para a exigência de seu coração.

Na década de 1990 começa a se manifestar no Padre Luigi sinais de pneumonia, que vão se agravando cada vez mais e sua enfermidade acompanha-o por mais de uma década. Pode-se ver o paralelo até mesmo com a enfermidade que João Paulo II começou a sofrer também na mesma época e a marca-se um fato comovente: a imagem de um encontro entre eles na Praça São Pedro em 30 de maio de 1998, começando o diálogo com a seguinte fala de Padre Giussani, resumindo sua procura existencial por vida e vida em abundância:

“Que é o homem, para dele assim vos lembrardes e o tratardes com tanto carinho?” (Sl 8,5). Nenhuma pergunta jamais me impressionou tanto como essa, em toda a minha vida. “Que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro, mas arruinar a sua vida? Que poderia dar em troca de sua vida?” (Mt 16,26; cf. Mc 8,36ss; Lc 9,25s). Nunca ouvi de ninguém uma pergunta que me deixasse tão sem fôlego como essa, feita por Cristo!<sup>6</sup>

Sua última mensagem ao movimento Comunhão e Libertação é dada em 16 de outubro de 2004, na peregrinação a Loreto em comemoração aos cinquenta anos do movimento. Em 22 de fevereiro de 2005 morre em seu quarto, em Milão, resultado de complicações de saúde decorrentes da já citada pneumonia grave.

As cerimônias fúnebres são celebradas no Duomo de Milão por seu amigo, cardeal Ratzinger, enviado pessoalmente por João Paulo II. Foi sepultado no cemitério monumental em Milão. No sétimo aniversário de sua morte (2012), Padre Carrón comunica o envio da

---

<sup>6</sup> Esse encontro pode ser lido na íntegra em: GIUSSANI, L. Deixar marcas na história do mundo. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2019, p. 9-13.

solicitação de abertura da causa de beatificação e canonização do Padre Giussani. O requerimento é aceito pelo arcebispo de Milão, Cardeal Angelo Scola. No ano corrente (2024), dia 09 de maio, o atual arcebispo de Milão, Dom Mario Delpini, presidiu a primeira sessão pública da fase testemunhal da beatificação e canonização do servo de Deus, Padre Luigi Giussani.

A justificativa para o ingresso neste estudo que se faz presente em torno de três aspectos fundamentais: pessoal, social e acadêmico, que ao se complementarem, guiaram o desenvolvimento do presente trabalho, a fim de sanar questionamentos e expor considerações sobre o tema.

Sobre o aspecto pessoal, é necessário pensar que toda pesquisa deve brotar, a princípio, de um profundo desejo de resposta que o coração anseia. Se não existir tal inquietação e não for uma dúvida sincera, todo estudo tende a ser infértil, pois o tema central não dirá nada ao coração. Desse modo, o motivo pessoal faz sua tenda acerca do fascínio pelo ser humano e por sua capacidade religiosa, que encontra total resolução na figura de Jesus Cristo. O homem só consegue ser completo levando em conta esse aspecto religioso de sua vida, que é ao mesmo tempo o mais alto e o mais esquecido. Além do tema, a figura do Padre Giussani, que exala humanidade em seus escritos e inspira os estudos, sendo uma força motora para todo o estudo realizado.

No aspecto social, é esperado que o trabalho possibilite abrir perspectivas acerca do tema, induzindo o leitor a compreender a ideia de que todos são capazes de Deus, levando assim esperança principalmente para aqueles que já não esperam mais nada, influenciados por uma visão de mundo pouco atrativa e sem cor. A razão é o instrumento pelo qual se enxergará a figura do mistério no mundo, abrindo, para aquele que contempla, a categoria da possibilidade da manifestação divina em seu cotidiano e que pode alcançar o seu ponto alto na figura de Jesus Cristo, Deus conosco.

Por fim, no aspecto acadêmica, o objetivo principal se caracteriza como a realização do Trabalho de Conclusão do Curso da Teologia, buscando sintetizar teologicamente o Senso Religioso, que é a inclinação do homem para o seu princípio e para o seu fim último. É o gesto inato da natureza que em Jesus Cristo alcança seu ápice, dando luz e sentido para toda a vida. Além disso, o estudo busca robustecer as Ideias e os Pensamentos do Padre Luigi Giussani, que

se apresenta como um exemplo de diálogo com a cultura, enxergando sempre na história humana sementes do verbo<sup>7</sup>.

Assim, o objetivo principal do estudo se torna: expor a Cristologia do Padre Luigi Giussani e a sua incidência na concepção de Senso Religioso. Através dele, alguns objetivos serão tocados ao longo do trabalho: conceituar o Senso Religioso e perceber sua estrutura na pessoa humana; abordar a Revelação de Jesus Cristo como ápice do Senso Religioso e como essa relação se torna força motriz para uma vida integrada; analisar o método que Jesus utiliza, hoje, para entrar em contato com os homens: a Igreja.

Além disso, o estudo gira em torno de três disciplinas concatenadas entre si: antropologia teológica, teologia fundamental e Cristologia com aspectos eclesiológicos. Com essas abordagens, têm-se uma visão poliédrica dos elementos que estão em jogo ao longo do trabalho e constitui assim uma introdução ao que podemos chamar de “Cristologia Fundamental”. Além disso, com essa correlação de áreas para estudo, tem-se o objetivo de, através da Teologia Fundamental, se chegar ao fato de Revelação e manifestação de Deus ao ser humano, que toma forma na pessoa de Jesus Cristo e que alcança seu ápice na Igreja, continuadora do Cristo vivo e vivificante através do Espírito Santo.

O material usado como base do estudo se destaca pelo uso do curso de introdução ao cristianismo de Luigi Giussani, denominado “PerCurso” e que conta com três (3) densos livros: “o senso religioso”, “na origem da pretensão cristã” e “Por que a Igreja”. Essas obras são, por assim dizer, a síntese do pensamento do Padre Giussani que abarca do ano 1986 a 1992. Sua Cristologia se encontra de modo especial no segundo volume: “na origem da pretensão cristã”. Assim sendo, o segundo volume do curso serviu de luz para o primeiro e terceiro, sendo ponto axial para o estudo desenvolvido.

É importante lembrar que esse estudo ocorre dentro de três grandes blocos: o primeiro se define como levantamento bibliográfico de algumas obras de Giussani, especificamente aquelas traduzidas para a língua portuguesa. Além disso será realizado um levantamento bibliográfico complementar que irá auxiliar para que o estudo fique mais abrangente; o segundo bloco se dá pela leitura e sistematização do material, levando em conta a complexidade do tema a ser abordado e o melhor modo para os assuntos se concatenarem entre si; e por fim, o terceiro bloco irá focar na escrita e na revisão contínua, buscando atualizar o trabalho até a sua entrega final. Essa revisão e escrita será feita através dos materiais fontais, a fim de alcançar o resultado

---

<sup>7</sup> *Ad Gentes*, n. 11; *Nostra Aetate*, n. 2.

almejado. Logo, esse trabalho está inserido neste último bloco, sendo a coroação de um processo que se iniciou a cerca de um (1) ano.

Como resultado do estudo, o esperado é trabalhar de modo teológico e científico os pontos teóricos fundamentais: o Senso Religioso, a pessoa de Jesus Cristo, a Igreja. Além disso, de modo prático espera-se a conclusão do Curso de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, através de um trabalho de Conclusão que se dá pelo estudo, pela sistematização e pela elaboração dessa monografia.

Pretende-se, com este trabalho, fornecer ao leitor um feliz percurso acerca das próprias indagações, sua ânsia por respostas, e um entusiasmante encontro com o fato Jesus Cristo, centro unificador da pessoa humana e Pretensão do destino de cada homem, sanando questionamentos mais profundos da existência.

## CAPÍTULO I

### O SENSO RELIGIOSO

**“Ao amigo Desconhecido”**

**Pär Lagerkvist**

É meu amigo um desconhecido

Alguém que não conheço.

Um desconhecido de muito longe...

Por ele meu coração está cheio de saudades

Por que ele não está junto de mim?

Talvez porque na realidade não exista?

Quem és tu, que preenches o meu coração com tua ausência?

Que preenches toda a terra com tua ausência?

O senso religioso é aquilo que representa a natureza humana enquanto se expressa em certas perguntas como: “Qual o significado último da existência?”, “Por que existe a dor, a morte?”, “Por que, no fundo, vale a pena viver?”. Ou ainda: “De que e para que é feita a realidade?”. Nesse sentido, Luigi Giussani vai dizer que o Senso Religioso “coincide com aquele compromisso radical do nosso eu com a vida, que se mostra nessas perguntas”<sup>8</sup>.

Essas perguntas que estão enraizadas no ser humano são inextirpáveis, pois constituem parte daquilo que é o homem. Porém, é necessário dar-se conta *do modo* como abordar essas perguntas, como começar a investigação acerca daquilo que o homem é e qual o desejo de seu coração. Para isso, é fundamental que seja explanada a relação objeto-pessoa-sentimento, que se dá, no pensamento de Giussani, nas categorias realismo-razoabilidade-moralidade.

Entendendo as premissas, o Senso Religioso poderá ser abordado de forma direta e aprofundada, levando em consideração todos os seus fatores e também as consequências de uma vida levada a sério, que pode causar tanto uma tristeza positiva quanto um desespero ético. Através de um itinerário consciente do Senso Religioso, o homem se depara com o Mistério que tomará forma ou corpo, em Jesus de Nazaré.

---

<sup>8</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 73

## 1. Premissas metodológicas: Realismo, Razoabilidade, Moralidade

O homem saudável tem desejo de saber como é o fato (o acontecimento, o que ocorreu), e só depois de saber como ele é, e somente então, pode também pensa-lo, refletir acerca do acontecido. Também na experiência religiosa é importante, antes de mais nada, saber como é e do que se trata exatamente. Por isso Giussani aponta que:

Não existe, com efeito, atividade humana mais vasta do que a que identificamos sob o título de “experiência ou sentimento religioso”. Ela propõe ao homem uma interrogação sobre tudo o que ele realiza e, por isso, torna-se um ponto de vista mais amplo que qualquer outro.<sup>9</sup>

É por isso que no homem de todos os tempos existe uma pergunta que o persegue constantemente e que o coloca em contato com essa realidade religiosa: “que sentido tem tudo?”. Para descobrir uma resposta adequada, é necessário empregar o método adequado que corresponda com as exigências e a gravidade da pergunta. O Padre Giussani nos aponta três (3) premissas metodológicas que irão constituir a base de toda a pesquisa: o realismo, a razoabilidade e a moralidade.

No **realismo**, o método é imposto pelo objeto. O método para conhecer um objeto é ditado pelo próprio objeto; e por isso não pode ser definido por quem quer se aventurar a conhecê-lo. Como o objeto é o Senso Religioso, Padre Giussani vai afirmar que:

Em se tratando, pois, de um fenômeno que se passa em mim, que interessa à minha consciência e ao meu eu como pessoa, é **sobre mim mesmo** que devo refletir. Faz-se necessária uma investigação sobre mim mesmo, uma **investigação existencial**.<sup>10</sup>

O critério para poder julgar essa reflexão sobre a própria humanidade deve ser algo ontológico, ou seja, algo imanente à estrutura originária da pessoa humana. Toda experiência da própria humanidade e da própria personalidade passam pelo crivo de uma “experiência original”, primordial, que constitui a face do homem ao confrontá-lo com tudo. Essa experiência original, elementar, é um conjunto de exigências e evidências com as quais o homem é lançado no confronto com tudo o que existe<sup>11</sup>. Qualquer afirmação, por mais banal até a mais ponderada que seja, só pode ser feita tendo por base esse núcleo de evidências e exigências originais. O Padre Giussani reconhece na experiência elementar aquilo que é identificado como coração. Ao

---

<sup>9</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 19.

<sup>10</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 20.

<sup>11</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 23.

dizer “eu”, a pessoa fala sobre esse coração, que é igual para um, mas que é traduzido das mais diversas maneiras.

Esse “coração”<sup>12</sup> encontra ressonância na própria cultura judaica. Na Bíblia, coração representa não só o órgão que bombeia o sangue, mas representa o órgão humano central, o interior do homem. É através do coração que tudo brota: o amor, o choro, a empatia pelo outro, a vida (Pr 4,23). A pessoa honrada é descrita como *yashar-leb* (Sl 51,10; 101,2; 119,80), já a teimosa é conhecida como *kashe-leb* (Ez 3,7). Enfim, o Senhor é aquele que perscruta os corações e sonda os rins (Jr 17,10), ou seja, conhece a pessoa por inteira, desde o seu núcleo.

Por isso, essa reflexão sobre si mesmo prepara o homem, que é chamado a confrontar a realidade com aquele feixe de exigências que o constitui, a enfrentar o mundo com o seu coração. Se ele é chamado a colocar tudo sob o crivo do seu coração, como não fazer do homem o seu próprio tribunal, réu e juiz de tudo? Para o realismo, é necessária a abertura total para a realidade, que se impõe e que constitui o trono da Verdade. O homem só vai conseguir afirmar a si mesmo quando aceitar a realidade em todos os seus fatores (e contradições). Tanto é verdade que o homem começa a afirmar a si mesmo aceitando o existir, isto é, aceitando uma realidade que não lhe foi dada por si mesmo.

Desafiar a opinião comum, buscar ter um juízo acerca de tudo (à luz da experiência elementar), julgar pautado na realidade... eis o início da ascese, da libertação. Em termos cristãos, o autor compara esse esforço ao processo de “*metanoia*”<sup>13</sup>, de conversão. Nesse sentido, Lc 11,37-41 chama a uma conversão interior, a qual podemos denominar de “purificação do coração”, das intenções e dessa estrutura que nos lança ao mundo.

Após isso, deve ser colocado em evidência o sujeito que age: o homem. A **razoabilidade** coincide com a “atuação do valor da razão ao agir”<sup>14</sup>. É, pois, um modo de agir que expressa e realiza a razão, que ajuda na tomada de consciência da realidade e se dá ao responder à pergunta: “essa atitude (ou esse modo de me colocar diante do objeto) é ou não é razoável?”

Para Luigi Giussani, a razão é abertura à realidade, capacidade de agarrá-la e afirmá-la na totalidade de seus fatores<sup>15</sup>. A razão é vida, vida diante da multiplicidade do real, diante da

---

<sup>12</sup> Do hebraico: *Leb* (לֵב)

<sup>13</sup> Do grego *metanoein* (*metá*: ao longo do, depois do / *nous/noein*: pensamento, intelecto). Uma interpretação literal seria como “mudar o próprio pensamento” com o intuito de transformar profundamente a pessoa.

<sup>14</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 31.

<sup>15</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 36.

riqueza da realidade. A razão é ágil, vai a toda parte, percorre muitos caminhos<sup>16</sup>. É polivalente, rica, móvel.

Dentro dessa gama de possibilidades da razão, faz-se necessário apontar aquele fator que não pode ser calculado, medido, pois pertence ao que é chamado “certezas morais” ou “certezas existenciais”. Recebe esse nome pois está ligada ao momento no qual a pessoa lê o fenômeno, intuindo o conjunto de seus sinais. Sobre isso, o autor diz:

Posso dizer com certeza: “Minha mãe me quer bem”. É esse o aspecto mais importante da maternidade, porque, ainda que alguém seja abandonado aos dois meses e em seguida tomado por outra mulher, sua mãe é aquela que o toma consigo, se lhe quer bem. “Minha mãe é uma mulher que me quer bem”: estou certo disso como da luz do sol; aliás, ainda mais certo do que do fato de que a Terra gire em torno do Sol, no sentido de que me interessa mais, é mais importante para a minha vida. É mais importante para a minha percepção do real, para minha relação com o destino, que essa mulher me queira bem do que o fato de que a Terra gire em torno do Sol.<sup>17</sup>

Nesse sentido, dois destaques são importantes dentro da razoabilidade: o primeiro é que alguém só consegue ter certeza moral sobre algo quanto mais conviver e estiver atento a esse algo. Convivência e partilha; o segundo é que quanto mais alguém é potente em sua humanidade, mais tem a capacidade e a facilidade de perceber tudo com certeza. Nesse sentido, a capacidade de confiar é própria do homem forte e seguro. Quanto mais alguém é realmente homem, mais é capaz de confiar, porque intui os motivos adequados para crer no outro.

Quando se trata do fator religioso, é recordado através do livro de Números: por acaso ele (Deus) diz e não faz, fala e não realiza? Ele não é homem, para que minta! (Nm 23,19). Essa confiança é geradora de força, pois parte do âmago humano de esperar e crer em algo, fazendo do crente uma pessoa de confiança, de certeza moral.

É por isso que a aplicação do método da certeza moral pode ser entendida como um ato de fé. Se a pessoa chega à certeza de que uma pessoa sabe o que diz e não engana, então, repetir, com certeza, aquilo que ela diz com certeza é ser coerente consigo mesma. É também por esse crivo que passa o desenvolvimento humano.

Esse desenvolvimento humano acontece no homem por inteiro, pois ele é uma profunda unidade, uma relação orgânica, que envolve a razão e o resto da sua pessoa. Esse ato de fé, fruto da razão adequada, faz perceber que essa mesma razão não é uma máquina que pode ser

---

<sup>16</sup> O termo “caminho”, aqui, é cirurgicamente colocado: Em grego, “caminho” se diz *Hodós*, e “ao longo do caminho” se diz *meta-hodón*, da qual deriva a palavra “método”. Razão é, nesse sentido, caminho e método para a apreensão da realidade.

<sup>17</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 39.

arrancada do resto da sua personalidade. O que acontece “toca” o ser humano por inteiro. Por isso o autor vai dizer que: “Qualquer que seja a coisa que intervenha no horizonte do conhecimento da pessoa, produz uma inevitável, irresistível reação proporcional à vivacidade humana daquela pessoa”<sup>18</sup>. A palavra que indica esse estado de ânimo é “sentimento”. Essa se caracteriza como a **moralidade**.

Toda vez que algo interessa à vida da razão, aquilo se torna um “valor”. É por isso que quanto mais uma coisa interessa ao indivíduo, ou seja, quanto mais é “valor”, quanto mais é vital (quanto mais interessa à vida), tanto mais potente gera um estado de ânimo, antipatia ou simpatia... sentimento! E tanto mais a razão é condicionada por este sentimento para o conhecimento daquele valor. Simplificando: o objeto do conhecimento enquanto interessa suscita um estado sentimental e isso condiciona a capacidade cognitiva.

Para a ciência moderna, isso é um erro: quanto mais a natureza faz com que eu me interesse por algo e, portanto, quanto mais desperta em mim curiosidade, exigência e paixão por conhecê-lo, tanto mais me impede de conhecê-lo. Se é preciso levar em consideração a realidade em todos os seus fatores, então faz sentido pensar que se a natureza nos fez assim, por que, então, para dar uma explicação ou solução para um enigma ou problema, devemos ser levados a “suprimir um dos elementos do problema”? Isso não é razoável. A verdadeira solução está numa posição que não só não sente a necessidade de eliminar nenhum fator, mas, pelo contrário, exalta todos eles, valorizando-os. Sobre isso, o Padre Giussani afirma que:

O sentimento deve ser imaginado como uma lente: o objeto englobado por essa lente é trazido para mais perto da energia cognitiva do homem; assim, a razão pode conhecê-lo mais fácil e seguramente. Então, o estado de ânimo é uma condição importante para o conhecimento (...) o problema, portanto, não é que o sentimento seja eliminado, mas que seja colocado em seu justo lugar.<sup>19</sup>

Isso significa que é necessário ter amor à verdade do objeto mais do que o apego às opiniões que já formamos sobre ele. Esse amor à verdade do objeto é justamente aquilo que o objeto mostra ser para mim (realismo) e que me faz entrar em contato com uma experiência maior, mais profunda e por isso mesmo mais verdadeira e menos ilusória (e que por isso não pode ser simplesmente medida – razoabilidade). Não à toa o autor vai dizer que “não há outro caminho, no fundo, além dessa curiosidade desejosa despertada, pelo pressentimento do verdadeiro”<sup>20</sup>. É necessário amar a verdade mais do que a si mesmo. Para isso, é necessário atravessar

<sup>18</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 47.

<sup>19</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 51-52.

<sup>20</sup> GIUSSANI, L. Em busca do rosto do homem. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1996, p. 151

sempre e continuamente a crosta que a vida impõe ao homem. A moralidade nasce como espontaneidade, como postura original (paradisíaca) que deixa o homem curioso, espantado, encantado, mas rapidamente se altera e se corrompe se não for continuamente recuperada pela ascese, pela *metanoia*. Desapegar das próprias opiniões e da própria imaginação (não eliminação, mas desapego), de modo a depositar toda a energia cognitiva na busca da verdade do objeto. Como o objeto é o homem e o Senso Religioso, é necessário ter amor a si mesmo como destino, ter feição pelo destino. É esta comoção última, esta emoção suprema o que persuade à virtude verdadeira. A realidade e o coração se tornam aliados do ser humano.

Esse amor ao Destino, ao fim último, também é reverberado nos livros sagrados: o Deus que criou o céu e a terra (Gn 1,1) faz com que sua criação se admire (se espante) com a própria criação (Sl 139,13-14), reconhecendo que recebeu vida não por si mesmo, mas que essa vida veio de Outrem (Jó 10,8). A moralidade se liga a esse espanto, pois concretamente, ela é o desejo sincero de conhecer o objeto em questão de maneira verdadeira, mais de quanto estejamos arraigados a opiniões pré-fabricadas ou inculcadas em nós.

Dessa maneira, realismo, razoabilidade e moralidade não se colocam de modo piramidal ou sequencial, como fases e estágios que o homem vai passando ou adquirindo ao longo de sua vida. Ao contrário, essas três premissas metodológicas estão arraigadas na vida humana de modo orgânico, em conjunto. Todas agem ao mesmo tempo (ou não) dentro da dinâmica de conhecimento/investigação humana sobre si ou sobre outrem.

## **2. A natureza do Senso Religioso**

Depois de compreender as premissas metodológicas para o processo do conhecimento, faz-se necessário abordar a questão do Senso Religioso, ou seja, compreender sua natureza e dinâmica, tendo como ponto inicial a experiência humana. Reconhecer, por meio da vivência pessoal, a presença de duas realidades distintas e não passíveis de redução mútua conduz-nos a perceber o componente religioso como um aspecto intrínseco da realidade que não pode ser quantificado, ou, de maneira equivalente, como o elemento (ou fator) espiritual.

A capacidade da razão de se abrir para a realidade permite que o ser humano a explore cada vez mais a profundidade dessa mesma realidade que se revela a ele, tendo como perspectiva a totalidade de seus elementos. É nesse cenário que o sentimento religioso se manifesta. Examiná-lo torna-se uma questão intrínseca à razão.

Adotar uma atitude de receptividade à totalidade dos elementos que constituem a natureza humana nos conduz a compreender que o Senso Religioso está intimamente presente nessa natureza. Assim, para o autor, o Senso Religioso representa uma das dimensões fundamentais do ser humano, alinhando-se à racionalidade e à essência da consciência humana, que é centro e santuário do homem<sup>21</sup>.

A perspectiva de Giussani sobre a natureza religiosa do ser humano está enraizada na ampla tradição cristã que aborda esse tema. Contudo, sua característica distintiva reside na associação da religiosidade com as últimas questões existenciais, as quais, por sua vez, estão no ápice da razão, em sua abertura ao infinito.

O Senso Religioso coincide com e se manifesta por meio dessas questões fundamentais. É aqui que se evidencia a busca incansável pelo último propósito da existência, abrangendo todos os aspectos que a vida engloba. O ser humano, sendo o nível da natureza no qual esta adquire consciência de si mesma, encontra em sua sensibilidade religiosa a expressão mais elevada desse fenômeno. Nesse contexto, Giussani destaca que a palavra "eu" encapsula toda a sua vigorosa potência. No dinamismo dessas questões fundamentais, o sentimento religioso se equipara à razão: o impulso que orienta cada passo do ser humano é influenciado por esse impulso original, abrangente e totalizante. Esse impulso conduz a uma busca incessante por uma resposta completa e abrangente, inserindo-se no âmago de todo o dinamismo e movimento da vida humana<sup>22</sup>.

Ao fazer uma reflexão acerca da própria vida e suas experiências, torna-se evidente o surgimento contínuo e inescapável das indagações fundamentais sobre o significado total da realidade, abarcando até mesmo o próprio ato de surgir. É precisamente esse conjunto intricado de questionamentos últimos e insondáveis que, para o Padre Giussani, configura o Senso Religioso.

É a indagação feita, por exemplo, no Sl 8, 4-9: “que é o homem, para dele te lembrares?” Essa questão é geradora de vida, de potência, justamente porque é fundamental no homem e sua resposta pode totalizar toda uma vida, assim como a própria criação. É fruto desse sexto sentido, denominado Senso Religioso.

É por esse motivo que é afirmado ao longo de toda obra giussaniana que as indagações que compõem o sentimento religioso (como o Sl 8 ou ainda Eclo 18,8) estão profundamente

---

<sup>21</sup> *Gaudium et Spes*, n. 16.

<sup>22</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 12-13.

arraigadas no homem, sendo tão intrínsecas que não podem ser erradicadas. Conforme expresso por Giussani, elas formam "o tecido de que é feito"<sup>23</sup> o nosso ser. Todo movimento humano tem sua origem última nesse núcleo estrutural fundamental do ser humano.

O Senso Religioso revela-se por meio de indagações fundamentais sobre o significado da realidade em sua totalidade, e se alinha com qualquer resposta fornecida a essas perguntas. Na jornada da vida, a pessoa busca um propósito e, conseqüentemente, reivindica a existência de algo, de um elemento que conceda um significado digno de ser vivido. Dessa maneira, observa-se o envolvimento do Senso Religioso na dinâmica de nossa consciência. Ou seja, na dinâmica da razão, que pode conferir como sentido último tanto a uma teoria complexa quanto a uma prática extremamente cotidiana e "banal". Giussani reitera que o Senso Religioso está presente em cada movimento humano:

Por isso, a postura religiosa está presente tanto no marxista convicto quanto no católico; não há ateu que possa se livrar desta implicação. Qualquer que seja o princípio ou valor que se coloque como resposta a essas perguntas, é uma religiosidade que se exprime e é um deus que se afirma: com efeito, qualquer que seja esse princípio, o homem dá a ele devoção incondicional. (...), qualquer que seja a implicação última que a consciência humana ponha em prática pelo fato de viver, é uma religiosidade que se exprime e um deus que se afirma. Talvez o deus de um instante, de uma hora, de um período.<sup>24</sup>

É essa consciência que permite o homem entender que tudo está interligado e seus fatores não estão avulsos, pois onde o homem está, Deus está (Sl 139). Entretanto, Giussani alerta que à medida que a pessoa progride na busca por respostas às indagações fundamentais, ela se conscientiza cada vez mais da intensidade contida nessas mesmas perguntas. Ao mesmo tempo, descobre ainda mais sua incapacidade de respondê-las por si mesmo. Ele se refere a isso como a "desproporção estrutural"<sup>25</sup> do ser humano. Nela coexistem a capacidade de ansiar ou, conforme o autor destaca, de exigir o infinito, e a impossibilidade de alcançá-lo. Deus é maior que o homem (Jó 33,12)

Diante desse cenário, Giussani destaca a importância de revitalizar, nos tempos atuais, o Senso Religioso como uma dimensão intrínseca à natureza humana<sup>26</sup>. A ausência de uma

<sup>23</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 73.

<sup>24</sup> GIUSSANI, L. O senso de Deus e o homem moderno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 19.

<sup>25</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 77.

<sup>26</sup> Para isso ele utiliza de um exemplo: imaginemos um homem que está na penumbra. Se ele volta as costas à luz, a penumbra é o início do nada, das trevas; se, pelo contrário, dá as costas para as trevas, a penumbra é o início da luz. Trata-se de ver qual posição o homem decide assumir. O verdadeiro drama humano é exatamente essa escolha de atitude diante da realidade: ou o homem se escancara para a realidade, ou se encerra à ela: do ponto de vista religioso, essa é a escolha crucial e que é comum aos homens de todos os tempos. Cf. GIUSSANI, L. O senso de Deus e o homem moderno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 131-135.

percepção da experiência do infinito leva o ser humano a renunciar à busca pelo significado último da existência, percebendo-a como desprovida de propósito. Como resultado, surge um vazio que altera a postura original do coração e fragmenta a personalidade, no qual o “eu” é desconsiderado na sua potencialidade.

Dessa forma, o ser humano está em busca do infinito, e somente esse infinito pode proporcionar completa satisfação. Em sua postura original, a natureza humana procura incessantemente, desde cedo e ao longo de toda a vida, algo genuinamente superior aos seus próprios limites. Mesmo diante da amplidão e grandiosidade das experiências conhecidas na contemporaneidade, e apesar da limitação na percepção do infinito, este ainda se faz presente em momentos de adversidade e, especialmente, diante da morte. Conforme afirmado por Romano Guardini, o homem é um “ente limitado que está todo voltado ao ilimitado, mas continuamente experimenta em si o não, a limitação; falando biograficamente: a morte”<sup>27</sup>.

O Senso Religioso é, assim, aquele sentimento de dependência total, original e por isso é ligado a Deus. O Deus é o determinante de tudo, é o fator do qual nunca se pode escapar. É como se dentro do ser humano houvesse uma exigência que o impele à uma devoção total a algo do qual tudo depende. É justamente esse algo que se chama explicitamente Deus. É, de acordo com Montini, a “síntese do espírito”. Por isso Giussani vai dizer que: “O senso religioso é, portanto, algo que faz parte do dom de existir; é um elemento da própria estrutura da nossa natureza. O senso religioso é a iniciativa de Deus que nos cria. Não podemos evitá-la, ainda que possamos incipientemente procurar recusa-la ou contesta-la.”<sup>28</sup>.

Com essa busca do infinito dentro dos limites e das condições impostas não pelo próprio homem, mas que lhe foram dadas de bom grado, encontramos duas consequências antropológicas fundamentais: uma baseada na tristeza positiva, fruto da consciência da desproporção existente entre o homem e o *quid*<sup>29</sup> último; e o desespero ético, fruto de uma antropologia da dissolução que tenta, a todo custo, eliminar essa diferença ontológica.

A repercussão mais evidente em um indivíduo que está ciente de sua desproporção estrutural seria, de acordo com a perspectiva de Giussani, uma tristeza positiva. Santo Tomás de Aquino a define como “desejo de um bem ausente”<sup>30</sup>. Essa tristeza emerge da experiência de

<sup>27</sup> GUARDINI, R. *La existencia del cristiano*, Madrid: B.A.C., p. 178.

<sup>28</sup> GIUSSANI, L. *O senso de Deus e o homem moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 22.

<sup>29</sup> *Quid* é um pronome latino interrogativo que significa “quê”. Expressa o ponto difícil ou mais importante de uma questão. Nesse estudo o *quid* se identifica com o Mistério.

<sup>30</sup> AQUINO, T. *Dionysii de divinis nominibus*, 4, 9; *Summa Theologiae*, I, q. 20, art. 1.

uma posse efêmera da natureza; uma forma de posse frágil e não definitiva da realidade. Há, portanto, um anseio ontológico, uma busca pelo ser, pela realidade suprema, por viver em frente ao divino, integrado a um mundo perfeito, correspondendo à saudade do Paraíso.

Quando não se tem ao certo os termos que estão em jogo e não consegue entender de onde vem essa saudade, o homem começa a se perder e sua existência também perde significado, dificultando a capacidade de realizar a própria humanidade. Nesse sentido, o homem fica impotente de ser homem<sup>31</sup>, vai se desesperando. Sobre isso, Giussani diz:

Se a tristeza é a centelha que se acende pela experiência da “diferença de potencial” entre a destinação ideal e a não realização histórica, o achatamento daquela “diferença” – seja como for que aconteça – cria o oposto lógico da tristeza, o desespero.<sup>32</sup>

O desespero é justamente colocar a sua confiança em qualquer coisa que não seja aquela Presença escondida dentro da história. É uma recusa em se abrir para a possibilidade, para o mistério, para o *quid* último que todo homem anseia. Nesse sentido, o homem que se percebe incapaz de realizar-se a si mesmo cai, de um otimismo afirmado a todo custo, em um pessimismo profundo e total. Um Deus que não tenha nada a ver com a vida aumenta o desespero ético do homem, sendo chumbo na existência. É o coração duro, insensível (Mt 13,15).

Isso é também um pecado. Padre Giussani vai dizer que o Senso Religioso inevitavelmente traz sempre consigo o senso de pecado. Ele diz:

O pecado existe também para o ateu, teórico ou prático. Para um marxista convicto, para o qual o partido é tudo, é *pecado* qualquer desvio ou traição, qualquer atitude que não sirva aos programas do partido; para um homem para o qual a saúde é tudo, será *pecado* qualquer coisa que de algum modo não salvasse aquele *quid* a que, como ídolo, ele dá total devoção.<sup>33</sup>

Por isso o pecado é, na história da religiosidade<sup>34</sup>, àquela incoerência pela qual um indivíduo afirma teoricamente um determinado *quid* como sentido último do real e, depois, na vida prática, de fato, sem que chegue a afirmar isso, molda a sua ação segundo uma outra referência última.

---

<sup>31</sup> GIUSSANI, L. O senso de Deus e o homem moderno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 122.

<sup>32</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 83.

<sup>33</sup> GIUSSANI, L. O senso de Deus e o homem moderno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 19.

<sup>34</sup> Diferente de Religião (que tem muitas vezes relação institucional e doutrinária), a Religiosidade é a qualidade daquilo que é religioso. É a tendência para aquilo que é transcendente, sagrado. Neste estudo, o homem é religioso porque têm propensão para o “algo a mais”, para uma busca que pode ser entendida como transcendental.

### 3. O Itinerário do Senso Religioso e a hipótese da Revelação

Entendendo as premissas do método e conhecendo o caráter fontal do Senso Religioso, cabe agora o trajeto, o despertar das perguntas últimas, o Itinerário que esse “sexto sentido” possui e qual o modo dele aspirar Deus no homem, tentando “agarrar” Deus de alguma forma sem que caia na traição de si mesmo, no pecado.

Antes de tudo é necessário lembrar que o homem só se dá conta dos fatores que o constituem quando observa a si mesmo, reflete sobre si mesmo em ação. Quanto mais se vive a realidade com intensidade e consciência, mais bagagem tem de razão e de tudo que está implicado nela.

É por isso que o primeiro passo dentro desse Itinerário é a maravilamento da “Presença”. A realidade que se impõe, a presença que circunda o homem com seu mistério já é vista na criação, pois é criação de Deus, tem as marcas dele (Gn 1 – 2). Por isso, o primeiro sentimento que o homem precisa ter diante de uma realidade que não é sua é de estupor, maravilamento, curiosidade pela realidade, pelo que é dado<sup>35</sup>. Esse estupor, maravilamento não causa um sentimento de medo, mas de atração (Ex 3,3). Por isso Giussani vai dizer que a maravilha da presença atrai e é assim que se desencadeia a busca. E o medo, por sua vez, é uma sombra que desce como segunda reação, por temor de perder algo que foi possuído mesmo que por um só instante<sup>36</sup>.

Essa presença de realidade se torna presença de um outro, o que traz a ideia também de dependência. Essa dependência é indicada nas Sagradas Escrituras no diálogo entre Deus e Jó (Jó 38,1-7; 40,2). Nele, podemos ver que a natureza do homem é a de ser criado, e por isso ser dependente. Assim, podemos dizer que primeiro o homem é atingido, depois ele se dá conta de que é atingido. Desse modo se origina o conceito de vida como dom e que pode ser percebido na criação, no mistério que luta com o homem a todo instante.

Também no movimento de se dar conta dessa presença e ser atraído por ela, o ser humano percebe que essa realidade é dinâmica e se movimenta segundo um desígnio que lhe pode ser favorável. A realidade imposta faz o dia e a noite, a manhã e a tarde, as estações e outros ciclos. É uma Realidade Providencial e atestada pelo próprio Deus (Gn 8,22) pois ele salva a sua criação e, apesar do homem, ele a conduz para onde quiser (At 14,15-17).

---

<sup>35</sup> “Dado”, participio passado, implica algo que “dê”. É vibrante de uma atividade da qual o homem permanece passível. É dom.

<sup>36</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 157.

A essa altura, o homem vendo que é despertado pela presença, pela atração e pelo maravilhamento, se torna grato porque essa presença pode ser benéfica para ele, providencial. Assim, ele vai aos poucos tomando consciência de si como “eu”, alcançando a estatura da sua identidade. Quanto mais se entra dentro de si mesmo, mais vai se descobrindo que não se brota de si mesmo, mas de um Outro. Existe, nesse momento, uma coisa que é maior do que ele e do qual ele é feito. Giussani vai dizer sobre isso:

Eu sou “tu-que-me-fazes”. Só que este “tu” é absolutamente sem rosto; uso a palavra “tu” porque é menos inadequada, na minha experiência de homem, para indicar aquela presença incógnita que é incomparavelmente maior do que a minha experiência de homem. (...) Quando olho para mim mesmo e percebo que não estou sendo feito por mim, então eu, com a vibração consciente e repleta de afeição que urge nessa palavra, só posso dirigir-me à Coisa que me faz, à fonte da qual provenho nesse instante, usando a palavra “tu”. “Tu-que-me-fazes” é o que a tradição religiosa chama Deus, é aquilo que é mais do que eu, é mais eu do que eu mesmo, é aquilo pelo qual eu sou.<sup>37</sup>

Se de fato existe um Outro que me faz a todo momento, percebemos, na linguagem teológica, que Ele pode ser comparado e ligado ao Mistério e à figura do Pai. Nesse sentido, ninguém é tão Pai (*tam pater nemo*), ninguém é tão Gerador como esse Outro que me faz a todo instante e do qual dependo. Esse pensamento é o que ressoa a todo momento na literatura bíblica: Dt 32,6; Is 63,16; Mt 6,9; 1Cor 8,6; 2Cor 6,18.

O homem passa, assim, a experimentar a contingência de ter que se apoiar num Outro para ser feito, de “ser” porque na verdade “é feito”. É como a voz, eco de uma vibração que é produzida: se interromper a vibração, a voz não existe mais; ou como a pequena mina, que deriva toda a nascente; ou a flor, que depende totalmente da força de sua raiz. É por isso que Padre Giussani vai dizer:

Assim, não posso dizer “Eu sou” de forma consciente, segundo a totalidade da minha estatura de homem, a não ser identificando o eu com “Eu sou feito”. É de tudo isso que dissemos que depende o equilíbrio último da vida. Assim como a verdade natural do homem, como vimos, é a sua “criaturalidade”, o homem é um ser que existe porque é continuamente possuído. Ele respira inteiramente, sente-se no lugar certo e é cheio de letícia, quando reconhece ser possuído.<sup>38</sup>

É por isso que na obra giussaniana não é possível pensar qualquer itinerário que não esteja envolvido com viver o real. É necessário vivenciar aquela experiência escondida, aquela presença arcana e misteriosa que se encontra dentro do olhar que deve se arregalar para a realidade, que se sente atraído pelo que as coisas despertam, dentro da beleza, dentro da maravilha

<sup>37</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 163.

<sup>38</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 164.

repleta de gratidão, de esperança. Essas coisas têm dentro de si também o “eu” do homem, esse “eu” que de escondido se torna próximo, porque é no aqui e no agora que está fazendo o homem e que fala a ele do bem e do mal, como lei inscrita ao coração (Rm 2,14-15).

A única condição para ser sempre e verdadeiramente religioso é viver intensamente essa realidade que circunda o ser humano. É viver o real sem censuras, sem renegar ou esquecer qualquer um dos fatores que constituem a vida. Não seria razoável ao homem “abdicar” do seu Senso Religioso (o que no fundo é impossível), se contentando em limitar sua experiência à superfície, à crista de sua onda, sem descer à profundidade misteriosa de seu movimento. É necessário ir a águas mais profundas (Is 43,2; Lc 5,4).

Quanto mais existe consciência da vivência, tanto mais intensamente o homem vive o impacto com a realidade e tanto mais começa a conhecer algo do Mistério. A única coisa capaz de bloquear a dimensão religiosa autêntica, o fato religioso, é a falta de seriedade para com o real, com a vida cotidiana que o homem leva, e que tantas vezes é cegada pelo preconceito que impede a experiência verdadeira com o mundo.

O mundo (essa realidade com a qual o homem se depara) é, pois, um grande convite que chama e convoca o homem. É como uma palavra, um *logos*, que remete a algo além de si, mais acima. Esse é a característica da analogia<sup>39</sup>: o impacto com a realidade desperta no ser humano uma voz que o atrai para o significado que está mais além, mais acima. O mundo é, assim, um sinal que nem sempre o homem consegue captar da maneira adequada:

A realidade é sinal e desperta o Senso Religioso. Mas é uma sugestão mal interpretada; existencialmente, o homem é levado a interpretá-lo mal, isto é, prematuramente, impacientemente. A intuição do relacionamento com o Mistério se corrompe em presunção<sup>40</sup>

É por esse motivo que, na fronteira da nossa experiência (tão limitada e deficiente), a urgência humana não encontra ainda o que procura. A existência dessa incógnita que paira sobre o mundo e sobre o qual ele é feito, da qual tudo na história e no mundo depende, é o vértice (o ponto mais alto, o ápice) e a vertigem da própria razão. A comunicação com esse Mistério acontece sempre através da aparente causalidade das circunstâncias e dos condicionamentos banais que determinam cada instante no homem. É uma angústia que faz o homem, muitas vezes, navegar na névoa absoluta; ou que exige dele uma grande coragem, como Jacó (Gn 32, 23-33):

---

<sup>39</sup> Do grego *-aná*: acima *-logos*: palavra; É aquilo que remete à outra coisa, é a palavra que “joga para cima”, para um “além”.

<sup>40</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 212.

toda a noite vivido em tensão com aquela Presença inapreensível, indecifrável, da qual não se conhece a face. É onde sobrevém a tontura, a vertigem. É por isso que o autor diz que:

A história é como um grande filme que documenta como o homem, embora movido por um impulso ideal, experimenta uma contínua decadência. O homem torna a cair dentro dos limites da própria experiência, dentro do horizonte da sua existência.<sup>41</sup>

Esse momento de inquietação, de vertigem que o homem passa, faz com que ele sinta medo ou terror e se agarre àquilo (a um *quid*) que pelo qual valha a pena viver, nem que por cinco minutos. Assim, ele é induzido erroneamente a identificar o absoluto com àquilo que ele experimenta em sua vida... o deus se torna ídolo<sup>42</sup>, o homem é rebaixado. Toda vez que o homem se torna sua própria medida, rompe-se a tríade realismo-razoabilidade-moralidade, e o homem acaba por fim se mutilando a si mesmo, ao outro e as coisas, criando imagens e formas anormais, esquizofrênicas da qual tenta se agarrar para expressar o Senso Religioso.

O anseio de uma Redenção, de uma rota segura ao atravessar o oceano dos significados fora gritado profeticamente durante toda a história do mundo. No extremo da experiência humana solta-se (apesar do homem) esse brado da humanidade mais verdadeira, essa súplica, essa mendicância que quer e exige uma sólida nau para navegar no mar da vida e que liberte o homem dessa posição vertiginosa, desconfortante. Essa é a hipótese da Revelação<sup>43</sup>. Nesse sentido que Giussani vai expor que a:

“Revelação” já não é fruto de uma interpretação que o homem faz da realidade, da natureza do homem em busca do seu significado: trata-se, ao contrário, de um possível fato real, um eventual acontecimento histórico. Um fato que o homem pode reconhecer ou não.<sup>44</sup>

Essa hipótese é totalmente possível pois “para Deus, nada é impossível” (Lc 1, 34-37). Negar essa possibilidade (essa categoria da razão) é um formato extremo de Idolatria, é querer impor o método ao objeto. É, em última instância, dizer o que Deus pode ou não fazer, como ele deve ou não agir. É querer tomar posse por completo do Mistério que paira sobre o mundo e que é insondável. É presunção.

Essa hipótese, além de possível, é também conveniente: se encontra com o desejo do coração do homem, corresponde à sua natureza. Essa resposta ao homem é um alívio para esse

<sup>41</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 216.

<sup>42</sup> É, nos termos giussanianos, quando a razão se identifica a explicação de tudo. É pretender identificar o significado total com algo que o homem entende. Parece Deus, tem a máscara de Deus, mas não é Deus. Por isso o ídolo jamais gera unidade: ele sempre esquece ou renega alguma coisa.

<sup>43</sup> No sentido lato: o mundo é Revelação de Deus, do Mistério.

<sup>44</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 218.

grito que é dado a todo momento buscando por socorro. Existe a possibilidade de que uma voz venha ao seu encontro para ajudá-lo.

Assim, Deus fala ao homem de modo compreensível, respeitando a liberdade de seu coração e as suas capacidades. Além disso, o resultado dessa Revelação deve ser o aprofundamento do Mistério como Mistério, ou seja: seu resultado não deve ser uma redução do Mistério de modo que o homem possa compreender tudo em todos os seus fatores, mas sim um aprofundamento do próprio Mistério. Compreender tudo seria controlar Deus, dominá-lo.

Desse modo, a hipótese da Revelação jamais poderá ser destruída por preconceitos ou opções. Ela coloca uma questão que toca o coração do homem que está aberto originalmente para essa possibilidade. Essa abertura é determinante e o destino de todo o Senso Religioso está ligado a ela. Mesmo que essa Salvação não venha, o homem deseja ser digno dela a cada momento.

## **Conclusão**

Chegando ao fim deste capítulo, com o foco de sintetizar o pensamento exposto até o momento, destacamos que: toda pessoa humana se depara, ao longo de sua vida, com questões entendidas como “fundantes” e que se exprimem como perguntas como “quem eu sou?”, “de onde vim?”, “para onde vou?”, “qual o sentido de tudo?”. Tocar essas questões é chegar naquilo que constitui o núcleo do homem, se caracterizando como o “Senso Religioso”, objetivo geral deste capítulo.

Para abordar de modo concreto o Senso Religioso (e de modo direto essas perguntas), foi necessário entender primeiro a dinâmica própria de conhecimento que o homem possui: as categorias de realismo, razoabilidade e moralidade. Sendo em primeiro lugar o realismo: o objeto que impõe o método com o qual deve ser analisado; em segundo lugar a razoabilidade: o exercício da razão como capacidade de abertura para a realidade; e por fim a moralidade: a razão que é organicamente intrínseca à pessoa, e por isso envolve o sentimento, que ratifica o lugar da razão dentro do processo de conhecimento.

Ao aplicar essas categorias sobre si mesmo, o ser humano vai descobrindo, aos poucos, que o Senso Religioso não está ligado somente as perguntas, mas se alinha com a resposta as mesmas. Essa resposta é, na teologia giussaniana, deus. Afirmar uma resposta a qualquer ato humano é afirmar, de um modo ou outro, aquilo que dá consistência ao próprio homem e que o

constitui a cada momento. É a exigência que o ser humano tem que o impele a uma devoção total a algo do qual tudo nele depende. O Senso Religioso está ligado, de modo sintético, ao próprio dom de existir e de se afirmar na existência.

Entendendo o método e explicitando o Senso Religioso, o próximo passo se constituiu como ligar essa presença misteriosa que o homem busca a cada momento, em cada ação, à hipótese da Revelação: se Deus é Deus e por isso pode tudo (o objeto impõe o método), então não faz sentido que o homem busque até a náusea uma presença que não se faz presença e que não se mostra (ao menos em partes) a esse homem. A categoria da “Possibilidade” de uma intervenção divina é totalmente razoável e moral do ponto de vista metodológico. Assim, o capítulo se encerra afirmando que não só é possível como de fato aconteceu: o grande mistério que quer brotar através das perguntas essenciais veio ao encontro do homem e se fez Presença, Deus conosco (Mt 1,23).

## CAPÍTULO II

### A CRISTOLOGIA GIUSSANIANA

**“Em frontispício”**

**Bruno Tolentino**

"Eu vos compensarei pelos anos que o gafanhoto comeu..." (Jl 2, 25)

O Senhor prometera nos compensar os anos  
que a legião dos gafanhotos devorara,  
meu coração, mas a promessa era tão rara  
que achei mais natural vê-Lo mudar de planos

que afinal ocupar-Se de assuntos tão mundanos.  
Assombra-me, portanto, ver uma luz tão clara  
fecundar-me as cantigas, coração meu — repara  
como crescem espigas entre escombros humanos...

Naturalmente, quem sou eu para que Deus  
cumprisse em minha vida promessa tão perfeita,  
e, no entanto, ei-lo arando, limpando os olhos meus,

fazendo-os ver que, no trigal em que se deita  
a luz dourada e musical, se algo perdeu-se  
foi como o grão — entre a seara e a colheita.

Após ter trilhado um caminho rumo ao sentido último do Senso Religioso e suas implicações, este capítulo visa apresentar a pessoa de Jesus de Nazaré como reviravolta do método religioso apresentado até o presente momento (não é o homem que vai, mas é Deus que vem). Se antes pairava um *quid* sobre o homem, que o fazia percorrer a vida diante desse mistério, agora esse *quid* desce, assume a natureza humana e se torna o método de Deus, correspondendo àquilo que o homem procura.

Assim, neste capítulo será dada as razões para levar a figura de Jesus em consideração, analisando o Fato da sua presença e a sua pretensão: ser o destino do homem, aquele pelo qual todo cosmo é feito<sup>45</sup>. Para ser dada essas razões, iremos passar pelos principais fatos da vida de Jesus, que constituem aquilo que a Igreja irá chamar de “Mistério Pascal”.

Se o destino do homem exige uma resposta, e se Jesus se coloca como resposta a esses anseios, reafirmamos que objetivo desse capítulo gira em torno da afirmação de Jesus como plenitude do Senso Religioso. Através do Mistério Pascal será percorrida a vida de Jesus de

---

<sup>45</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 52.

Nazaré junto dos seus discípulos, abordando a força de sua personalidade assim como sua Pretensão de ser o cume de todo o Senso Religioso, pois nele toda questão humana se resolve.

### 1. O destino do homem exige uma resposta

Como dito no primeiro capítulo, a vertiginosa condição do homem é algo dramático. Na sua situação existencial, é obrigado a viver todos os passos da sua existência dentro da prisão de um horizonte sobre o qual paira o inatingível, uma grande incógnita. Quanto mais o homem caminha, à medida que ele prossegue, essa inacessibilidade ao invés de reduzir vai se tornando cada vez mais evidente. Só no homem ignorante pode subsistir a pretensão de alcançar esse ponto misterioso. Todavia, Padre Giussani vai dizer que:

Se a estupidez humana é viver em estado de contínua distração, é evidente que, quanto mais estúpido for, menor será o problema. Eu, em plena consciência, sou obrigado pela minha condição existencial a dar certos passos em direção àquele destino ao qual tudo em mim tende, mesmo sem que eu o conheça. Sei que ele existe, porque isto está implicado no meu dinamismo, e sei que tudo em mim depende dele.<sup>46</sup>

O homem é chamado, assim, a viver uma atividade que consiste acima de tudo em tomar ciência da sua condição, e aderir realisticamente, circunstância por circunstância, às exigências existenciais. Essas circunstâncias vão tecendo e dando substância para a vivência humana ao longo da história, de modo que nada fica perdido diante de uma vida consciente, mas ao contrário, se potencializa à medida que o homem toma luz da situação em que ele se encontra: de *homo viator*, ou seja, de homem que caminha rumo à um destino, rumo ao que lhe dá estrutura na vida do Ser.

O grande paradigma desse homem que é caminheiro no Antigo Testamento (ou seja, antes da Revelação de Jesus), é a figura de Abraão. Em dado momento ele parte em uma estranha manhã rumo a um lugar que não conhece, por uma razão que não conhece, disposto a cumprir o sacrifício que Aquela voz misteriosa o pediu. Sacrifício que depois não será consumado por vontade do Senhor (Gn 22,1-19). Abraão assume aqui a figura, o modelo do homem em toda sua dramaticidade, do homem colocado naquela vertigem, arrastado pelo redemoinho no qual o Mistério o envolve. Um redemoinho dentro do qual o homem normal não consegue se

---

<sup>46</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 15.

sustentar<sup>47</sup>, mas que insiste em seguir essa voz que chama e que parece explicar tudo, dar sentido à tudo.

O homem então, dentro desse caminho que envolve solidão e desânimo, incertezas, mas também uma esperança, uma promessa, busca se equilibrar entre o escutar a voz, o chamado, e ao mesmo tempo não conhecer e não alcançar esse que chama. O único auxílio adequado só poderia vir do próprio divino, aquela divindade escondida, o mistério. Acerca disso, Giussani vai dizer que é uma

Hipótese perfeitamente razoável, ou seja, correspondente ao ímpeto e coerente com a abertura da natureza humana, bem como plenamente inserida na grande categoria da possibilidade. A razão não consegue dizer o que o mistério pode ou não pode fazer; para ser fiel a si mesma, não pode excluir nada daquilo que o mistério possa empreender.<sup>48</sup>

Se a razão pode, por algum motivo, chegar a negar a possibilidade da Revelação, seria a última e mais extrema forma de idolatria, seria impor a Deus uma própria imagem d'Ele (vimos isso no primeiro capítulo). Nos termos giussanianos: uma irracionalidade. A exigência da Revelação supõe a espera de uma resposta adequada ao sentido da vida, que só o homem não daria conta de responder por si mesmo. Tudo o que antecede essa Revelação maior parece uma preparação para este encontro perfeito que irá acontecer. É como vemos por exemplo nas leituras de Dt 26,4-9 ou Js 24,1-13: a história e o tempo são o âmbito privilegiado no qual Deus se revela. Ele permanece transcendente, mas confia a sua presença e a sua palavra à realidade mais inerente ao homem, a história<sup>49</sup>. Desse modo, a concepção de um Deus que se revela na história implica uma possível continuidade dessa relação de Deus e o homem<sup>50</sup>. É como se tudo pendesse para um encontro definitivo, concreto, fatural, que o homem anseia e que irá alcançar o seu cume na figura de Jesus.

No seu sentido próprio, a palavra Revelação não é “fruto de uma interpretação que o homem faz da realidade, da natureza do homem em busca de significado: trata-se, ao contrário, de um possível fato real, um eventual acontecimento histórico. Um fato que o homem pode reconhecer ou não”<sup>51</sup>.

O destino do homem que exige uma resposta coloca a Revelação como possível, mostrando o coração que está originalmente aberto. Por isso, para o êxito da vida, essa resposta

<sup>47</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 19.

<sup>48</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 33.

<sup>49</sup> A realidade é sinal e desperta o religioso. Cf.: GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 212.

<sup>50</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 41.

<sup>51</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 218.

precisa ser encontrada, e isso está totalmente ligado ao Senso Religioso. Se o homem pergunta sinceramente sobre sua vida, é porque Alguém quer lhe dar uma resposta, pois “o homem encontra somente aquilo que de algum modo tenha ligação com algo já presente em si”<sup>52</sup>.

O que fica claro, de qualquer modo, é que o homem através dos tempos sempre procurou imaginar essa relação que ocorre entre aquele ponto fugaz da sua existência e o significado totalizante dela.

Não existe nenhum homem que, de alguma maneira, mesmo sem pensar, não identifique uma resposta à pergunta que faz a respeito daquilo que, em última análise, o constitui. Ainda quando viva cinco minutos apenas, um homem afirma a existência de alguma coisa pela qual justamente vale a pena viver aqueles cinco minutos; no mesmo sentido, quando se busca prolongar a própria existência, afirma-se a existência de um *quid* que seja, em última instância, o sentido pelo qual se vive.<sup>53</sup>

Isso explicaria o esforço imaginativo que o homem faz e que recebe o nome de Religião<sup>54</sup>. As vezes esse esforço é tão sincero na sua tentativa que faz com que cada homem pudesse criar sua própria religião, sendo o gênio<sup>55</sup> esse papel aglutinador capaz de estruturar e gerar sociedades. Apesar disso, a categoria da possibilidade de uma intervenção divina deve sempre estar em aberto, já que nenhum fator pode ser excluído quando o assunto é a relação homem-Deus.

Essa é a reviravolta no método religioso, ou seja, se admitimos a hipótese de que o mistério tenha penetrado na existência do homem, falando com ele em termos humanos, a relação homem-destino não será mais baseada em construções imaginativas ou esforço humano; será, ao contrário, o deparar-se com uma presença. Vai dizer Giussani:

Se Deus tivesse manifestado na história humana uma vontade particular, ou aberto Ele mesmo uma estrada para chegar a Ele, o problema central do fenômeno religioso não seria mais a tentativa – embora ela expresse a maior dignidade do homem – de “figurar-se” o Deus. O problema estaria todo no puro gesto

---

<sup>52</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 20.

<sup>53</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 22.

<sup>54</sup> O Padre Giussani vai fazer a seguinte definição: “Religião é o conjunto expressivo desse esforço imaginativo, razoável no seu impulso e verdadeiro pela riqueza a que pode chegar, mesmo que possa se degenerar na distração e na vontade de possuir o mistério. Esse complexo expressivo será conceitual, prático e ritual, e dependerá da tradição, do ambiente e do momento histórico, assim como de cada temperamento pessoal. Todo homem, pessoalmente, pelo simples fato de existir, faz essa tentativa de identificar e imaginar aquilo que dá sentido”. Cf. GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 23.

<sup>55</sup> O gênio, segundo Giussani é: “um carisma eminentemente social, que exprime no meio da companhia humana os fatores percebidos pela companhia inteira, mas exprime de maneira tão mais aguda que a dos outros, que cada um sente nela a expressão de sua criatividade, muito mais do que em suas próprias tentativas”. Ou ainda aquele que “coagula em torno de si – exprimindo melhor do que qualquer outro o talento da extirpe – todos aqueles que, participando do seu ambiente histórico-cultural, percebem que nele são valorizados os dinamismos da sua busca do Desconhecido”. Cf. GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 23.

da liberdade que aceita ou recusa. Essa é a reviravolta. O centro, o ponto axial aqui não estaria mais no esforço de uma inteligência e de uma vontade construtiva, de uma exaustiva fantasia, de um complicado moralismo, mas na simplicidade de um reconhecimento: uma atitude análoga à de quem, vendo um amigo chegar, o identifica entre os outros e o cumprimenta. Nessa hipótese, a metodologia religiosa perderia toda a sua conotação inquietante, de envio enigmático a um ponto distante, e coincidiria com a dinâmica de uma experiência, a experiência de uma presença, de um encontro.<sup>56</sup>

Desse modo vemos de um lado o método que favorece o inteligente, o culto, o afortunado, o poderoso, enquanto o segundo vai favorecer o pobre, o homem comum. Deparar-se e esbarrar em uma pessoa presente é uma evidência fácil tanto para a criança quanto para o adulto. Vai dizer o Padre Giussani que se a hipótese fosse verdadeira, “o acento não recai mais sobre a genialidade e a iniciativa, mas sobre a simplicidade e o amor”<sup>57</sup>. Desse modo, o amor seria a única coisa que iria representar a única dependência verdadeira do homem, a afirmação do Outro como consistência de si mesmo, escolha suprema que recebe o nome “Liberdade”<sup>58</sup>.

Essa hipótese é possível, e se fosse verdadeira, iria revolucionar toda a metodologia religiosa. Ela é considerada verdadeira na história do homem. O anúncio cristão vai dizer: “Sim, isso aconteceu!”. A partir daqui, vai dizer Giussani que

Não nos encontramos mais diante de um problema de ordem teórica (filosófica ou moral), mas diante de um problema histórico. A primeira pergunta que devemos fazer não é: “É racional e justo o que diz o anúncio cristão?”, mas: “É verdade que aconteceu, ou não?”, “É verdade que Deus interveio?”<sup>59</sup>

## 2. Os mistérios centrais de Cristo

Agora fica claro que aquele *quid* misterioso que pairava sobre a vida do homem, do *homo viator*, assume o discurso cristão com a máxima: Deus interveio. Acerca disso, é importante salientar que o conteúdo da mensagem cristã se apresenta – de acordo com o pensamento de Giussani – como um fato (a existência de um ser humano). Não é uma fábula, uma doutrina vazia ou uma moral. O cristianismo antes de tudo é um fato, um acontecimento, é Deus conosco (Mt 1,23), é um homem que entrou na vida dos homens. A vinda deste homem é uma notícia transmitida até hoje<sup>60</sup>; até hoje aquele evento tem sido

<sup>56</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 46.

<sup>57</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 46.

<sup>58</sup> “Liberdade é a capacidade de infinito, sede de Deus. Liberdade é, portanto, amor, porque é a capacidade de algo que não somos nós mesmos, é um outro”. Cf. GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 139.

<sup>59</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 48.

<sup>60</sup> Aqui, podemos perceber todos os movimentos decorrentes da teologia de Giussani: através da Teologia Fundamental se chega ao fato de Revelação e manifestação de Deus ao ser humano, que toma forma na pessoa de Jesus

proclamado e anunciado como o evento de uma Presença no meio dos homens. A maior decisão da existência é constatar ou não esse fato.

Um homem disse “eu sou Deus” e isso tem sido narrado como um fato presente: isso exige uma urgente tomada de posição pessoal. Podemos sorrir, podemos decidir não nos ocuparmos disso, o que de qualquer forma significa que decidimos resolver a questão negativamente, ou não quisemos dar-mos conta de que estamos diante de uma proposta cujos termos são tão grandes que nenhuma imaginação humana poderia criar algo maior.<sup>61</sup>

Como recorda o Senso Religioso<sup>62</sup>, a experiência religiosa é a consciência vivida da pequenez do homem e da incomensurabilidade do mistério. O homem pode até agir “fingindo” ser Deus, mas teoricamente é impossível conceber identificação (a não ser por grave manifestação psicopatológica). O dinamismo normal da inteligência humana não tem a possibilidade de ter essa tentação. Por isso, o problema de Cristo se torna “escandaloso”, pois ele se Identifica e, através do seu temperamento, personalidade e modo de agir, cumpre em si e dá testemunho daquilo que fala. Segundo Giussani, é “o único caso da história em que um homem não se tenha atribuído uma genérica “divinização”, mas se tenha identificado substancialmente com Deus”<sup>63</sup>.

Essa manifestação catabática<sup>64</sup> na história foi intuída por Giussani e para ele se tornou uma virada de chave à partir do poema de Giacomo Leopardi “*Alla sua Donna*” e seu ideal absoluto de “Beleza”. Assim, o Verbo de Deus, a consistência de todas as coisas se fez carne. A Bondade se fez carne, a Justiça se fez carne, o Amor, a Vida, a Verdade se fez carne. O Ser não está no espaço ou algum lugar etéreo, mas é um de nós. A poesia de Leopardi juntamente com o prólogo do Evangelho de São João constituem a mendicância daquele acontecimento. É Cristo presente, centro da história e da vida do homem. Tanto é que nas obras do autor, fica claro que fazer conhecer a realidade histórica do cristianismo centrada na pessoa de Jesus Cristo é o escopo e a procura de todo o estudo teológico. O mistério começa a ser refletido desse modo através dos grandes eventos da vida dessa personalidade: vida, paixão, morte e ressurreição. Esses termos serão analisados aqui através dos conceitos de Encarnação, Redenção e Ressurreição. Sua vida (ou seja, seu ministério público) será visto mais à frente.

---

Cristo e que depois irá alcançar seu ápice na Igreja, continuadora do Cristo vivo e vivificante através do Espírito Santo. Cf. “Por que a Igreja” (terceiro volume do PerCurso).

<sup>61</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 50.

<sup>62</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 77.

<sup>63</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 52.

<sup>64</sup> Do grego *κατὰβαίω* (*Katábaino - Katábasis*) que significa “ir para baixo”. Vai corresponder a uma forma de descida.

Todavia, essa reflexão não poderia começar diferente: é necessário olharmos para a vinda desse *quid* ao mundo.

## 2.1 Encarnação

No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam. Houve um homem enviado por Deus. Seu nome era João. Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. Ele era a luz verdadeira que ilumina todo homem; ele vinha ao mundo. Ele estava no mundo e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu e os seus não o receberam. Mas a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus: aos que creem em seu nome, eles, que não foram gerados nem do sangue, nem de uma vontade da carne, nem de uma vontade do homem, mas de Deus. E o verbo se fez carne, e habitou entre nós e nós vimos sua glória, glória que ele tem junto ao pai como filho único, cheio de graça e de verdade.<sup>65</sup>

A gênese do acontecimento de Cristo na História chama-se, na tradição cristã, Encarnação<sup>66</sup>. Dentre muitos autores como Clemente de Alexandria, Atanásio e outros, Dionísio (o Ariopagita) vai falar sobre essa realidade<sup>67</sup> mostrando que a Encarnação é um mistério – mas é mistério de modo particular em seu resultado: o Acontecimento que resulta da Encarnação transcende os limites dos acontecimentos naturais.

Nesse sentido, Giussani vai comentar que

Além de aceitar o mistério da Encarnação como o fato mais significativo da história mesmo sem poder compreendê-lo, a tarefa de nossa consciência deve ser a de compreender claramente os seus termos, isto sim uma coisa possível. É também tarefa da nossa consciência verificá-lo como não contraditório com as leis da nossa razão e, enfim, dele extrair luz para uma melhor compreensão da existência humana.<sup>68</sup>

<sup>65</sup> Jo 1,1-14. Cf. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>66</sup> A encarnação é o fato mais visível da relação do divino com o homem. As expressões de comunicação de Deus com o homem ultrapassam o próprio conhecimento humano. Deus não se utiliza de uma linguagem abstrata, mas se concretiza e se torna visível plenamente na figura do Nazareno. É o próprio Deus que se comunica com o homem dentro de sua temporalidade e de sua dimensão antropológica.

<sup>67</sup> “A Encarnação de Jesus segundo a nossa natureza é inefável para qualquer língua, não pode ser conhecida por nenhuma inteligência (...) e o fato de que Ele tenha assumido uma substância humana foi conhecido por nós como um mistério”. GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 145. *apud*. Dionísio o Ariopagita, *Una Strada a Dio*, aos cuidados de P. Scazzoso, Milano, Jaca Book, 1989, p. 63.

<sup>68</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 145.

O Mistério da Encarnação estabelece, assim, o método que Deus considerou oportuno usar para ajudar o homem a chegar até Ele, pois na pessoa de Jesus Cristo, a grande categoria que começa a tomar importância na vida dos homens é a de Presença: Deus em Jesus Cristo se faz Presente através da Encarnação, fazendo em primeiro lugar o movimento de ida (Deus é quem vai por primeiro). Tal método pode ser resumido pela máxima: Deus salva o homem através do homem<sup>69</sup>. De um lado esse método corresponde perfeitamente às exigências da natureza humana, que precisa da sensibilidade; de outro a liberdade humana, uma vez que Deus a assume como colaboradora da Sua Obra. Vai dizer o autor que “A diferença entre a Igreja Católica e as demais concepções e interpretações cristãs nasce sobretudo da consideração desse método”<sup>70</sup>. E continua:

Seguir o método indicado pela realidade da Encarnação implica que o homem é chamado a aderir sempre à mesma salvação proposta, em tempos novos, em circunstâncias novas e com instrumentos novos. Se Jesus veio, permanece no tempo com a Sua pretensão única, que não se repete, e transforma o tempo e o espaço – todo o tempo e todo o espaço. Se Jesus é o que disse ser, nenhum tempo e nenhum lugar podem ter outro centro.<sup>71</sup>

Desse modo, se o Acontecimento é verdadeiro, toda a vida, da vida sensível à social, tudo, deve girar em torno dele, pois ele mesmo diz: “Eu estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28,20). Com o advento do Verbo na história humana, a glória de Deus se torna visível para nós: “... o que era desde o princípio, o que vimos e ouvimos, o que contemplamos, o que nossas mãos apalparam do Verbo da vida” (1Jo 1, 1-3) mostra o lugar de excelência que a pessoa de Jesus Cristo tem na relação do homem com Deus<sup>72</sup>.

Por isso, qualquer tentativa de o homem em conhecer o Mistério ficaria reduzida a uma interpretação abstrata se aquele homem, Jesus de Nazaré, não tivesse assumido uma natureza humana para manifestar Deus ao homem:

Jesus era um homem como todos os outros (...); mas esse homem disse de Si coisas que outros não diziam. Tinha uma maneira de dizer as coisas que outros não tinham. A sua Pessoa (...) era sentida, olhada e tratada como sinal de outra coisa<sup>73</sup>

É por isso que a pessoa de Cristo, com seus gestos e palavras, comunicava a presença de um Outro; era sinal<sup>74</sup> de uma outra realidade. Porém, nele, o sinal e a realidade se

---

<sup>69</sup> *Gaudium et Spes*, n. 22.

<sup>70</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 149.

<sup>71</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 150.

<sup>72</sup> Nesse sentido, Cristo é o sacramento primordial do Pai.

<sup>73</sup> GIUSSANI, L. O milagre da mudança. In: Exercícios da Fraternidade. São Paulo: GT, 1989. p. 30.

<sup>74</sup> Além do conceito giussaniano de sinal como “uma realidade cujo sentido é outra realidade”, vale recordar a grande importância que essa palavra tem na literatura joanina: durante a vida terrestre de Jesus, ele realiza seis

identificam: “quem vê a mim, vê o Pai” (Jo 12,45). Essa é a grande obra de Deus no seu comunicar-se. Nesse gesto misterioso, Deus se comunica de forma única através do seu Filho: “pois na encarnação do seu Verbo, Deus põe em comum a Si mesmo, exatamente na sua realidade pessoal. Cristo é o gesto com que Deus esclarece e “resume” toda a sua ação criadora”<sup>75</sup>.

## 2.2 Redenção

Desde a hora sexta até a hora nona, houve treva em toda a terra. Lá pela hora nona, Jesus deu um grande grito: “*eli, eli, lemá sabachtáni?*”, isto é: “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” Alguns dos que tinham ficado ali, ouvindo-o, disseram: “está chamando Elias!” Imediatamente um deles saiu correndo, pegou uma esponja, embebeu-a em vinagre e, fixando-a numa vara, dava-lhe de beber. Mas os outros diziam: “deixa, vejamos se Elias vem salvá-lo!” Jesus, porém, tornando a dar um grande grito, entregou o espírito.<sup>76</sup>

A chamada “Pretensão Cristã” que estamos falando ao longo desse capítulo assume sua plenitude na Obra da Redenção, na vitória da Cruz. Assim como o teólogo Von Balthasar<sup>77</sup>, Giussani compreende que desde o interior da Revelação (Trindade imanente) a possibilidade de Cristo, o homem-Deus, ser a Alteridade Suprema, o torna Ícone perfeito do Pai na sua entrega total na Cruz. No auge do abandono, Jesus se identifica com todos que foram deixados e rejeitados por causa de seus pecados, agora sendo acolhidos pelo amor de Deus que os alcança em seu abandono, no inferno. Portanto, o clamor de Jesus na cruz (Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?) é a maior demonstração do amor de Deus em nossa história. Na plenitude da *kénosis*<sup>78</sup> de Jesus, seu grito de abandono revela o ser amoroso do Deus trino. Esse é o caminho

---

milagres dos quais os dois primeiros e o último são dados como “sinais” que provam sua missão (2,11; 4,54; 12,18; 11,42). É por causa desses sinais que as multidões seguem Jesus e nele creem. O sinal por excelência é a ressurreição. Cf. BIBLÍIA de Jerusalém. Paulus, 2020, p. 1836.

<sup>75</sup> GIUSSANI, L. O caminho para a verdade é uma experiência. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 47.

<sup>76</sup> Mt 27, 45-50. Cf. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>77</sup> **Hans Urs von Balthasar** (1905-1988) foi um dos mais influentes teólogos católicos do século XX. Nascido em Lucerna, Suíça, ele estudou filosofia e literatura nas universidades de Viena, Berlim e Zurique antes de ingressar na Companhia de Jesus (jesuítas) em 1929. Ordenado sacerdote em 1936, Balthasar atuou como capelão universitário em Basileia e se envolveu profundamente no movimento de renascimento teológico da época. Balthasar ganhou reconhecimento nos últimos anos de sua vida, sendo nomeado cardeal pelo Papa João Paulo II em 1988, pouco antes de sua morte. Seu legado continua a influenciar profundamente a teologia católica contemporânea, especialmente no campo da estética teológica e da compreensão da revelação divina como um drama cósmico.

<sup>78</sup> *Kénosis* é um conceito da teologia cristã que remete ao esvaziamento de Deus na pessoa de Jesus Cristo, que quis assumir a condição humana. Na linha do texto, a existência *kenótica* de Jesus e, sobretudo, seu abandono na cruz, ponto culminante da *kénosis*, revelam, definitivamente, o *pathos* (a afetação, a paixão) de Deus. Revelam a verdadeira onipotência de Deus que não é a do poder egoísta, mas a do amor solidário. Onipotência capaz de se aniquilar, de se fazer impotente para amar. Aqui, o *pathos* se torna o próprio envolvimento de Deus na história.

pelo qual seguiremos e que torna o acontecimento redentor um verdadeiro Teodrama<sup>79</sup>. É na ação dramática e silenciosa da cruz que as perguntas continuamente suscitadas pela sua presença se entrelaçam com as perguntas aguçadas que o homem faz dentro de si mesmo e no âmbito de sua própria existência (aquele feixe de exigências que gritam por uma resposta).

É exatamente ali, no Calvário (Mt 27), no árduo confronto entre a liberdade de Deus e a liberdade humana que Deus revela seu rosto misericordioso, que ilumina todo o enigma da existência, visto muitas vezes como um problema insolúvel<sup>80</sup>. Assim, para compreendermos o mistério da Redenção na teologia giussaniana, faz-se necessário esmiuçar três palavras centrais presentes no Calvário e ensinadas por Cristo através do seu gesto Redentor: o sacrifício, o amor e a misericórdia.

**Sacrifício** se torna uma palavra de grande porte, historicamente, desde o momento em que Deus se tornou um homem, nascendo de Maria (Lc 1, 16-38); quando ela foi servir sua parenta Isabel (Lc 1, 39-45); ou nas dificuldades encontradas para que a criança nascesse (Lc 2, 1ss); até os momentos finais dessa criança que cresceu, e homem adulto grita pregado na cruz: “Pai, por que me abandonastes?” (Mt 27,46). A palavra sacrifício se tornou o centro, não da vida de Cristo, mas da vida de “cada” um de nós, de todo o gênero humano. A partir da morte de Jesus na cruz, a palavra se agigantou e revelou que toda a vida, de todos os homens, é “tecida” de sacrifícios. Sobre isso vai dizer:

A vida de todos os homens é tecida de sacrifícios (...) e como que dominada pela necessidade de sacrificar: uma mãe, para gerar um filho; um pai, para manter a mãe e o filho; para ser realmente amigo de uma outra pessoa; para prosseguir no caminho de uma pessoa amada; para ir trabalhar e receber no final do mês (...). Enfim, é impossível evitar o sacrifício, e, sobre todas as coisas, para o maior sacrifício que se possa conceber, que é morrer.<sup>81</sup>

Na morte de Cristo na cruz, a palavra sacrifício ganha todo seu peso existencial e ontológico, significando Redenção, ou seja, oferta gratuita e amorosa, e isso abre ao gênero humano toda a possibilidade de alcançar o seu próprio Destino, a Vida Eterna. Cada sacrifício humano, por mais simples que seja, para Cristo, a partir do Evento Redentor da Cruz, tem significado enorme, se torna um valor moral<sup>82</sup>, um valor de vida: “Por meio disto conhecemos o amor: ele

---

<sup>79</sup> Referência à articulação triádica de Balthasar que envolve estética, teodramática e lógica teológica. Balthasar redescobre o fio trinitário e vê a Revelação à luz dos transcendentais de Santo Tomás de Aquino, dando à teologia uma nova via de aprofundamento da fé.

<sup>80</sup> *Gaudium et Spes*, n. 21.

<sup>81</sup> GIUSSANI, L. É possível viver assim?. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008, p. 321-322.

<sup>82</sup> “Que é a moral? A moralidade é a relação entre o gesto e a concepção do todo nele implicado”. GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 116.

deu a sua vida por nós! Nós também devemos dar a vida por nossos irmãos” (1Jo 3,16). Nessa linha, Padre Giussani também diz que

A concepção da vida humana em Jesus Cristo é, portanto, essencialmente uma tensão, uma luta: “eu não vim para trazer a paz, mas a espada” (Mt 10,34); é um caminho, uma busca – busca da própria realização, isto é, do verdadeiro “si mesmo” (...). Não há nada de mais anticristão do que conceber a vida como algo cômodo e satisfeito, como uma possível felicidade contingente. “Ai de vós, ricos, porque já tendes a vossa consolação. Ai de vós, que agora estais saciados” (Lc 6, 24-25)<sup>83</sup>

Assim, não é também tarefa de Jesus resolver os vários problemas, mas chamar a atenção do homem para a postura com a qual o mesmo homem pode procurar resolvê-los. Cabe a cada homem empenhar-se nesse trabalho que existe exatamente na função daquela procura. Jesus chama sempre a atenção do homem para o fundo de todas as suas questões e dos seus sofrimentos, para sua estrutura fundamental e para sua situação real. Só assim o sacrifício ganha sentido.

Referente ao **amor**, vemos que o seu valor original se identifica com a própria vida de Deus (1Jo 4,8). Para a reflexão teológica de Giussani, a imitação própria que devemos fazer de Deus não pode ser a imitação da sua capacidade criadora (de dar consistência as coisas), mas a imitação daquilo que é comportamento existencial de Deus (Jo 3,16; 1Jo 4, 9-10). Esse amor deriva de Deus e é a suprema lei do nosso eu.

O amor nesse sentido é uma lei dinâmica, consiste em movimento, assim como Deus é movimento no seu dançar *pericorético*<sup>84</sup>. De acordo com Padre Giussani “não existe relacionamento se não for de amor, não existe relacionamento verdadeiro se não for de amor”<sup>85</sup>. Assim, derivando de Deus, o nosso “eu” têm como lei suprema o amor. É um dom, é dar a si mesmo, um dar-se até o fundo. Acerca disso, diz

O amor, suprema expressão humana da autoconsciência e da posse de si, isto é, da liberdade, é também a expressão adequada dos relacionamentos: “Mestre, qual o maior mandamento da lei? Jesus respondeu: amarás o Senhor teu Deus com todo o coração, com toda a alma e com todo o entendimento. Este é o maior e o primeiro dos mandamentos. O segundo é semelhante ao primeiro: amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Assim, o sentido da vida humana, o destino absolutamente único e pessoal que nela se joga, depende desse amor absolutamente único e pessoal.<sup>86</sup>

<sup>83</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 142.

<sup>84</sup> *Perichoresis* é um termo da Teologia Trinitária que designa a interpenetração / entrelaçamento de uma pessoa na outra e com a outra, envolvendo o Pai, Filho e Espírito Santo.

<sup>85</sup> GIUSSANI, L. É possível viver assim?. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008, p. 285.

<sup>86</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 123.

Cristo na cruz nos ensina concretamente todas as dimensões desse amor. Ele vive integralmente essa lei inscrita no homem, de amar e amar até o fim. O amor, nesse sentido, se resume em Jesus através dos seus atos. O *ágape* da cruz (Rm 5, 6-8) mostra a plenitude de significado da Palavra, pois nele o amor também ganha seu sentido mais fundo e ontológico.

O ponto culminante de amor para se viver à imitação de Deus é a **misericórdia**. É no silêncio do calvário, pregado na cruz, que Jesus ensina ao homem o quanto estava distante da harmonia com Deus e que a misericórdia pode ser aprendida e é a forma mais própria, mais característica, do amor de Deus.

A humilhação, o rebaixamento, o esvaziamento de si (ou seja, a *kénosis*), mostram que o amor de Deus é misericordioso e que não existe misericórdia sem oferta amorosa de si mesmo (Lc 14,11; 18, 9-14). Vai dizer

Esta é a dor de si, que é verdadeira dor, mas carregada de Leticia (alegria). O homem está cheio de Leticia porque Deus vive. É uma dor que sorri: como acontece às crianças, quando, ao cair, se machucam e o seu rosto é inundado por lágrimas, e choram por causa da dor que estão experimentando, mas ao mesmo tempo sorriem porque a mãe e o pai estão com elas para consolá-las, para ajudá-las.<sup>87</sup>

Cabe aqui o conceito de *Hesed*, termo hebraico que tem um vasto leque semântico e que comumente é traduzido por: misericórdia, benignidade, solidariedade, compaixão e, de modo muito particular, ao comportamento de Deus em relação à Aliança (*Berith*<sup>88</sup>). Vemos como exemplo as passagens de Ex 34,6 ou Os 11,8ss. Isso nos levar a enxergar um aspecto também fundamental desse conceito e correlato com a Aliança: a fidelidade. Todavia, *Hesed* é a fidelidade, mas a fidelidade que Deus tem por si mesmo e, por isso mesmo, à Aliança. A palavra dita por Ele não retorna vazia (Is 55,11), pois ele é Justo e Compassivo, fiel nos seus desígnios (Nm 23,19). Por isso Deus é misericórdia: pois sua fidelidade a si mesmo, na palavra dita e na aliança feita é maior do que qualquer erro humano.

Assim, o mistério da Redenção, a Cruz de Cristo, sua paixão dramática e violenta, sua fidelidade e misericórdia sem fim, sua aceitação para ir até as últimas consequências é o grande ensinamento de Deus ao homem, um misterioso desígnio de amor e de liberdade, que toca o homem em todo espaço e tempo, pois quem ama não passa, mas ao contrário, se eterniza.

---

<sup>87</sup> GIUSSANI, L. Em busca do rosto do homem. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1996, p. 50.

<sup>88</sup> *Berith* é a palavra hebraica para “pacto” ou “aliança”. O termo tem origem comum do acadiano “*Biritu*”, que por sua vez significa “acorrentar” ou “obrigar”.

### 2.3 Ressurreição

Após o sábado, ao raiar do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria vieram ver o sepulcro. E eis que houve um grande terremoto: pois o anjo do Senhor, descendo do céu e aproximando-se, removeu a pedra e sentou-se sobre ela. O seu aspecto era como o do relâmpago e a sua roupa, alva como a neve. Os guardas tremeram de medo dele e ficaram como mortos. Mas o anjo, dirigindo-se às mulheres, disse-lhes: “não temais! Sei que estais procurando Jesus, o crucificado. Ele não está aqui, pois ressuscitou, conforme havia dito. Vinde ver o lugar onde ele jazia. Ide já contar aos discípulos que ele ressuscitou dos mortos, e que ele vos precede na Galileia. Ali o vereis. Vede bem, eu vo-lo disse!” Elas, partindo depressa do túmulo, com medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos seus discípulos.<sup>89</sup>

A grande alegria e força cristã é o fato de que toda a dramaticidade e até mesmo tristeza dos últimos momentos de Jesus na Terra não tiveram fim na Cruz. A obra da Redenção continua, de modo que todo o sacrifício redentor na cruz culmina com a silenciosa vitória da ressurreição, com a vitória de Cristo sobre a morte: essa é a Páscoa definitiva (Jo 20, 11-18). Desse modo, Cristo plenifica toda a obra redentora de Deus (1Cor 15, 3-4).

Jesus quer mostrar que não é apenas vencedor e Senhor, mas que quer ser presença no mundo. A ressurreição coincide com o início de um fluxo novo no mundo, de uma humanidade nova, de modo que ele pudesse permanecer no meio de nós, apesar de todo tempo transcorrido depois desse fato. Cristo é vivo e presente, jamais ausente ou distante. Desse acontecimento, nasce algo novo: o povo de Deus, enxertado na figura de Jesus através do Batismo<sup>90</sup> (Mt 28, 18-20).

Se o Crucificado é o Ressuscitado e o Ressuscitado é o Crucificado, aquela existência de Jesus permanece após ser erguido pelo Pai. Nesse sentido, Jesus é o missionário itinerante pois, através da sua vida, paixão, morte e ressurreição, ele moveu todo o homem para Si mesmo e continua a mover, arrastando-nos pela sua Glória. É por esse motivo que o vencedor da morte vai se identificar com os seus e estes irão gerar novo povo, fruto da Nova Aliança (Mc 16, 1-15; Lc 24, 1-48; Jo 20, 1-31; At 2, 14-47). A grande obra de Deus no mundo é que o Cristo

<sup>89</sup> Mt 28, 1-8. Cf. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>90</sup> A palavra batismo vem do grego *baptisma* e significa imersão, banho, mergulho. Batizar é lavar, purificar, mergulhar na água e que tem sua origem no próprio Jesus Cristo. De acordo com Giussani, no Batismo Cristo traz o homem para junto de si, para dentro de si. Nesse sentido, “o que é o cristianismo senão o acontecimento de um homem novo que, por sua natureza, torna-se um protagonista novo no cenário do mundo?”. Cf. PASSOS, n. 73, junho de 2006, p. 21.

Ressuscitado se codifica com esse povo novo, é um “fato gerador de ‘um novo ser’, de uma nova criação”<sup>91</sup>

Isso inaugura uma visão nova de mundo e que tantas vezes o ser humano tem dificuldade de entender e reconhecer: pertencemos a uma realidade nova. Esta realidade está dentro da abertura do ponto de fuga de todas as coisas, pelo qual tudo se torna diferente e o sinal disso é a paz e a unidade (Jo 14,27). Se Cristo não é algo presente e que tem força de arrastar, não há mais cristianismo. A mera lembrança não basta: é preciso Cristo Vivo.

Só Deus é eternamente Vivo e Vivificante, e Jesus, sendo filho de Deus, pretende poupar os homens da morte com a sua Palavra. Desse modo, ele usurpa um direito reservado a Deus e se coloca acima de todos os homens, ao lado de Deus, se tornando também Vivo e Vivificante pela potência do Espírito Santo<sup>92</sup>.

Com o núcleo de sua obra Redentora: paixão, morte e ressurreição, participamos com a sua humanidade da potência e da autoridade de Deus (Ef 1, 21-22). O Espírito é energia com o que o mistério de Deus eterno e imutável opera no mundo. O Espírito de Deus é a energia pessoal de Jesus com a qual Cristo penetra no tecido da história, no tempo e no espaço, possuindo aqueles que o Pai lhe dá nas mãos (Jo 17,6). Cristo não deixa os seus sozinhos, revivendo lembranças e tempos “dourados” da vida cristã. Sua operação é no hoje, no agora da vida humana.

A Igreja continua essa pedagogia da Encarnação, ou seja, que Deus continua a se comunicar e a se manifestar na vida dos homens através dos sinais, do sensível, do visível. Essa Salvação chega na história e chega a todos os homens mediante a figura da Igreja.

Assim, encarnação, redenção e ressurreição se tornam o ápice e o ponto no qual todo o cristianismo gira entorno. Nesse sentido, o Catecismo da Igreja vai dizer que: “tudo o que Cristo é, o que fez e sofreu por todos os homens, participa da eternidade divina, e assim transcende todos os tempos e em todos se torna presente. O acontecimento da cruz e da ressurreição permanece e atrai tudo para a vida”<sup>93</sup>. E esse Homem, que atrai tudo à si, trilhou o caminho de todos os homens, mostrando-lhes o sentido de uma vida rica de personalidade, de entrega, de proximidade.

---

<sup>91</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 146

<sup>92</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 109

<sup>93</sup> Catecismo da Igreja Católica, 1085.

### 3. O caminho de Jesus Cristo com o Homem

Conhecendo os mistérios fundamentais da pessoa de Jesus Cristo, cabe a nós, agora, percorrer o caminho de sua vida, através da análise da sua pessoa e da sua pretensão. Para percorrer esse caminho usamos aquilo que é considerada uma das fontes da Revelação: a Sagrada Escritura (de modo particular, os Santos Evangelhos). O documento conciliar *Dei Verbum* define assim a atividade dos evangelistas:

após a ascensão do Senhor, os Apóstolos transmitiram aos seus ouvintes, com aquela compreensão mais plena de que eles, instruídos pelos acontecimentos gloriosos de Cristo e iluminados pelo Espírito de verdade gozavam, as coisas que Ele tinha dito e feito. Os autores sagrados, porém, escreveram os quatro Evangelhos, escolhendo algumas coisas entre as muitas transmitidas por palavra ou por escrito, sintetizando umas, desenvolvendo outras, segundo o estado das igrejas, conservando, finalmente, o carácter de pregação, mas sempre de maneira a comunicar-nos coisas autênticas e verdadeiras acerca de Jesus.<sup>94</sup>

Desse modo, somos alertados que não estamos diante de todos os fatos acontecidos, mas certamente diante de fatos acontecidos, que chegaram até nós através da recordação de testemunhas movidas pela urgência e desejo de tornar a figura de Jesus de Nazaré conhecida<sup>95</sup>. Ainda acerca disso, Giussani vai dizer que

A convicção nasce sempre de alguma coisa que se “demonstra”. Mas como já tive ocasião de dizer<sup>96</sup>, para as coisas mais importantes da vida, essa demonstrabilidade não pode jamais ser do tipo matemático ou dialético. Esse tipo de demonstração tem mais a ver com uma criação ou convenção nossa. A demonstração de que estamos falando é dada pelo encontro evidente com um fato, pelo contato com um acontecimento.<sup>97</sup>

É preciso deixar-se provocar pela totalidade do fato, mesmo que esse fato não esteja completo à nossa vista (mas, por ser fato, é um critério ao alcance de todos). O objeto da Revelação é o próprio Deus, sim, mas esse Deus vivo interveio na história dos homens e nela nos deu testemunhas que remetem a uma Testemunha por excelência, que é a Palavra Encarnada. Nesse sentido, é impossível dissociar Cristo do seu Evangelho. Seria como trair aquelas palavras que iniciam o Evangelho de Marcos: “a boa nova de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc 1,1).

O método utilizado – recordando o que já foi visto – descreve a razoabilidade da relação com o objeto, e estabelece os motivos adequados com os quais dar os passos em direção ao

---

<sup>94</sup> *Dei Verbum*, n. 19.

<sup>95</sup> Nesse sentido, estamos diante de um documento que têm a ver com memória, com intenção de anúncio. O que se busca explicitar nos Evangelhos – de acordo com Giussani – é a lembrança de um fato.

<sup>96</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 33-34.

<sup>97</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 59.

conhecimento do objeto<sup>98</sup>. Dentro do vasto leque de possibilidades que a razão nos dá, o ponto fulcral da razoabilidade são – como já visto no primeiro capítulo – as “certezas morais” ou “certezas existenciais”, que não podem ser medidas e/ou calculadas pela razão. Essa certeza é fruto primeiramente de uma convivência e partilha da vida; e em segundo lugar através dos indícios que a inteligência vai captando e que vai afirmando a certeza sobre aquele objeto.

O objeto, por sua vez, é a veracidade do testemunho sobre uma pessoa viva que foi até hoje a única a pretender ser o destino do mundo<sup>99</sup>. É necessário, assim, conviver e partilhar a própria vida com essa Presença, intuindo com a inteligência os sinais que esse Deus dá a todo momento.

Não à toa, o autor cita Rousselot<sup>100</sup>:

Quanto mais ágil e penetrante uma inteligência, tanto mais lhe há de bastar um tênue indício para levá-la com certeza a uma conclusão (...). É por isso que uma incontestável tradição que remonta o próprio Evangelho louva aqueles que não têm necessidade de prodígios para crer.<sup>101</sup>

E é justamente isso que Cristo apela constantemente. Jesus solicita a inteligência humana. Uma das repreensões mais constantes de sua boca é: “não compreendeis?”, “falta-vos inteligência?” e ainda acrescenta: “ainda não credes?”. Essa fé é justamente o acesso da inteligência a uma verdade, ao reconhecimento dessa verdade.

Com a Sagrada Escritura para nos dar o testemunho, o método exposto e a inteligência que Jesus apela, vamos analisar a memória de um homem que conservou no olhar e no coração, durante toda a vida, o instante em que a sua existência foi tomada por uma presença e virada pelo avesso, que achou a “certeza existencial” de sua vida. Que conservou esse momento com lucidez até a velhice, mas naquele momento certamente não se deu conta da plenitude e da totalidade que encontrava<sup>102</sup>.

Jesus passava no local em que João Batista pregava (Jo 1,35). Podemos supor que fosse por volta do meio-dia e que, como sempre, um grupo de pessoas se detinha em escutá-lo. Num

<sup>98</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 38ss.

<sup>99</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 61.

<sup>100</sup> **Pierre Rousselot.** (1878-1915) Jesuíta francês. Professor do Instituto Católico de Paris. Morreu em 1915, vítima de um atentado durante a Primeira Guerra Mundial. Sua contribuição para a teologia se destaca em relação aos demais escritos de sua época. Seu interesse centra-se nos pontos fundamentais que afetam a vida sobrenatural do homem, portanto pode-se dizer que seus estudos são da área de Antropologia Teológica e Teologia da Graça.

<sup>101</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 62. *apud.* ROUSSELOT, P. *Gli occhi della fede.* Milano, Jaca Book, 1977, p.57.

<sup>102</sup> A seguir, Giussani faz a análise do “chamado dos primeiros discípulos” (Jo 1, 35-51). Essa análise mais aprofundada se encontra nas páginas 66 a 69 do livro “na origem da pretensão cristã”.

dado momento, Jesus – que viera para ouvir – se levanta para ir embora. O Batista, como que tomado por um espírito profético, brada: “Eis o cordeiro de Deus, eis aquele que tira o Pecado do mundo”. Alguns se impressionam com o grito e com aquele olhar fixo sobre uma pessoa. Eram dois pescadores que vinham de longe, da Galileia, que estavam lá atentos a tudo o que acontecia. Os dois, dando-se conta do homem a quem João Batista olhava ao pronunciar a frase, seguem-no. Jesus percebe que o seguem, volta-se para eles e diz: “o que quereis?” Eles dizem: “mestre, onde moras?” Jesus responde: “vinde e vede”. Eles foram e ficaram com Jesus até a noite. Vai dizer Giussani que “É sugestiva a falta de lógica com a qual se relata que os dois ficaram com ele até a noite e depois, sem mais, retorna-se ao momento em que começaram um relacionamento com ele: às quatro da tarde”<sup>103</sup>.

Um deles chamava-se André. Encontrando seu irmão Simão disse-lhe: “encontramos o Messias”. Ora, duas pessoas vão à casa de um desconhecido, passam meio dia com ele, e não sabemos o que fizeram ou disseram. Sabemos que um dos dois voltou para a casa e disse ao irmão sobre esse encontro. Existe, de acordo com Giussani, uma naturalidade nessa narração. Eles estiveram lá, e até esqueceram que chegava a hora em que seus companheiros deveriam sair para pescar à tarde. Estiveram lá e chegaram àquela certeza que depois comunicaram. O fato é que André levou Simão a Jesus, que recebeu (com certa estranheza e curiosidade) o nome de *Cefas*<sup>104</sup>.

Na tarde do dia seguinte, os pescadores estavam na praia consertando as redes. Jesus havia decidido ir à Galileia, e o caminho passava perto da praia. Simão e André devem tê-lo visto e disseram aos outros: “Ei-lo, é aquele que está passando”. Um deles, Filipe, impulsivo como o irmão Tiago, levantou-se e correu pelo caminho para vê-lo de perto; com familiaridade Jesus diz: Segue-me.

Numa sequência de certezas comunicadas com naturalidade, Filipe encontra Natanael, que também vai fazer sua experiência com esse Homem. E assim um apresenta ao outro o fato que, mesmo que misterioso, carrega em si grande força de personalidade. Eles se encontram diante de uma pessoa diferente das outras. Os que entram em contato com Ele sentem-se atraídos pela sua personalidade única. Essa primeira percepção será confirmada depois com o

---

<sup>103</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 67.

<sup>104</sup> Palavra aramaica que significa Pedra. É a Pedra escavada que serve de abrigo.

capítulo 2 de João, mostrando que a convivência com Jesus vai aumentando nos seus a certeza de quem Ele é<sup>105</sup>.

De fato, o autor vai nos dizer que:

O maior milagre, que impressionava os discípulos todos os dias, não eram as pernas curadas, a pele purificada, a visão readquirida. O maior milagre era (...) um olhar revelador do humano ao qual era impossível subtrair-se. Não há nada que convença um homem mais do que um olhar que o atinja e reconheça o que ele é, capaz de revelar um homem a si mesmo. Jesus via dentro do homem, ninguém podia esconder-se diante dele. Diante dele as profundezas da consciência não guardavam segredos.<sup>106</sup>

Desse modo, conseguimos perceber que a capacidade de apreender o coração do homem é o maior dos milagres, o mais persuasivo. Por isso a insistência do autor em afirmar como Jesus apela à consciência. É como se Jesus tratasse sempre de um “assunto pessoal”. Suas atitudes, ao longo de todo o Evangelho, são regeneradoras de tudo o que possa ter valor humano. Não atoa Padre Giussani vai afirmar que “Jesus Cristo é o instante da história em que a realidade cessa de ser ambígua e volta a ser gloriosamente medianeira para Deus. Jesus Cristo é o ponto em que a história e o universo retomam seu verdadeiro significado”.<sup>107</sup>

Assim, em tudo existe uma profunda e cordial familiaridade, nada é estranho em relação as coisas ou as pessoas: em Jesus Cristo existe abertura para tudo e para todos. Tudo pode ser motivo de recapitulação através da figura desse homem, pois até os momentos mais banais (como uma festa de casamento em Jo 2,1-12) são dignos de entrar em contato com Ele. Nada está aquém da sua intervenção. É por isso que “não existe um pensamento, por mais secreto que seja, um gesto, por mais insignificante que seja, uma ação, por mais escondida que seja, que não sejam responsáveis pelo universo, gestos de valor eterno”<sup>108</sup>.

Isso nos mostra também que Jesus, em todas as circunstâncias, surge como um ser superior a todos os outros. Há n’Ele alguma coisa, um “mistério” que vai ganhando força, vigor, à medida que a convivência com Ele vai aumentando até o ponto da irrupção de uma certeza sobre aquele homem. Certeza essa que era movida por uma pergunta sempre íntima: “Quem é?”. A figura de Pedro resume com veemência toda a experiência de certeza que os discípulos tinham: “Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida Eterna e nós cremos e reconhecemos

<sup>105</sup> “A convivência confirmara aquela excepcionalidade, aquela diversidade que desde o primeiro momento nos impressionara. Com a convivência, a cada nova confirmação vai se ampliando uma certeza” GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 73.

<sup>106</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 76.

<sup>107</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 327.

<sup>108</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 324.

que és o Santo de Deus” (Jo 6, 69). Psicologicamente, essa frase é a aplicação da observação já feita acerca da certeza existencial ou moral. A atitude de Pedro é profundamente razoável<sup>109</sup>.

Qualquer juízo sobre Jesus só poderia ser realizado através do confronto da própria experiência dos que o rodeavam e do tempo de “duração” dessas próprias experiências. Sem o tempo dessa convivência, o objeto fica incognoscível, enquanto que a certeza moral é fruto da paciência e do debruçar-se sobre o objeto com disponibilidade de abertura e de fidelidade ao tempo que lhe é exigido.

É por isso que para responder à pergunta dos amigos (Mc 4, 35-41) e dos inimigos (Jo 10,24) “Mas então, quem és tu?”, Jesus esperou que o tempo fizesse com que “os discípulos se tornassem mais seguros do seu apego e os inimigos mais pertinazes na sua hostilidade”<sup>110</sup>. Esse processo é pedagógico dentro do processo da Revelação. Essa inteligência de Jesus fez com que os homens lentamente pudessem ser provocados para uma evolução por assimilação, através de processos destinados a favorecer a convicção, respeitando a consciência de cada homem. De fato, vai dizer Giussani que “a melhor educação é aquela orientada de modo tal que a evolução aconteça sem que quem enfrenta a passagem o perceba. Quanto menos choque existe, mais o desenvolvimento é normal”<sup>111</sup>.

As linhas essenciais dessa pedagogia que traçam o caminho de Jesus com o homem podem ser resumidas em: primeiramente **o mestre a ser seguido**: através do “segue-me”; aquele que segue é convidado a segunda atitude, que é **a renúncia** (Mt 10,39), pois para seguir alguém é necessário abandonar a própria posição, a “si mesmo”; e aos poucos Jesus vai exigindo que o homem o siga exteriormente, e por fim a **decisão diante de todos**, de modo social (testemunho). Nenhum relacionamento é completo e verdadeiro se não tem a força de se manifestar socialmente (Mt 10, 32-33).

Através desse processo pedagógico, Jesus vai solicitando o homem aos poucos, e começa a usar insistentemente a fórmula “por causa de mim” (Mt 10, 14-18.21-22a.24-25.27). Sobre ela, vai dizer o Padre Giussani que

o aspecto fundamental e, olhando bem, mais impressionante desse “por causa de mim” não é tanto a descrição, mesmo sendo ela realista e certamente grave para quem o ouvia, das possíveis hostilidades em cuja direção caminhava quem seguida Jesus, mas sim o fato subentendido nessa descrição: aos poucos Jesus coloca a sua pessoa no centro da afetividade e da liberdade do homem. E isso

<sup>109</sup> Capítulo I. Ver também: GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 38-39.

<sup>110</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 84.

<sup>111</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 87.

torna lancinante uma vez que Ele se põe nem mais nem menos como modelo dos afetos mais íntimos do próprio homem.<sup>112</sup>

Ao aproximarem-se os últimos dias, porém, a declaração de Jesus torna-se explícita. Cristo apresenta-se abertamente como Deus. Isso acontece quando as consciências que O rodeavam já haviam tomado uma posição diante d'Ele. O modo como Deus trata o homem segue uma decisão já tomada pela liberdade desse mesmo homem, obriga a melhor revelar aquilo que a consciência já está disposta a fazer. Quando a liberdade assume uma atitude fechada, tudo quanto acontece contribui para fechar ainda mais, e vice-versa. “Porque a quem tem será dado em abundância e a quem não tem será tirado até o que tem” (Mt 13,12; 25,29).

Assim, enquanto se aproximava as últimas semanas da vida de Jesus, aquilo que antes para Ele era fuga para que não o prendessem, vira agora enfrentamento. Ele vai decidido e abertamente à Jerusalém. Jesus é, enfim, capturado e levado diante do Sinédrio para um julgamento no qual Jesus é acusado de muitas coisas. O ápice é a proclamação messiânica de Jesus: “vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poder e vindo sobre as nuvens no céu” (Mt 26,64) e que faz referência a dois importantes textos messiânicos: Sl 110,1 e Dn 7,13-14. Por fim, a condenação de Jesus à morte diante do Sinédrio foi por Blasfêmia, “porque”, como foi explanado ao governador romano, “se fez Filho de Deus” (Jo 19,7b).

A partir daí, o processo da Paixão se intensifica até culminar na Cruz. Isso faz lembrar quando Jesus era ainda recém-nascido e um homem, chamado Simeão (que desejava ver ardentemente o messias), tomou ele nos braços e disse à mãe que esse menino seria “sinal de contradição (...) e assim seriam revelados os pensamentos de muitos corações” (Lc 2,34-35). A afirmação de Jesus é simplesmente um fato, e os fatos fazem emergir aquela atitude que está no âmago do coração humano, ou seja, se este está fechado ou aberto diante do mistério do ser. Por isso Giussani vai dizer que

O problema cristão resolve-se nos mesmos termos em que se coloca: ou estamos diante de uma loucura, ou aquele homem que diz ser Deus é Deus. O problema da divindade de Cristo reduz-se a isto: alternativa na qual penetra, mais do que em qualquer outra ocasião, a decisão da liberdade. Uma decisão que têm raízes recônditas, ligadas à uma atitude diante de toda a realidade. A liberdade não é representada por escolhas grandiosas; elas não oferecem a razão do drama da nossa vida. A liberdade é a coisa mais discreta que existe. O espírito assume uma posição originária diante do real e só depois a desenvolve e toma consciência dela, especialmente nas opções mais grávidas de consequências. Diante do problema de Jesus Cristo, realiza-se a consequência da posição primordial,

---

<sup>112</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 93.

mais íntima e original da nossa consciência diante da totalidade dos seres e do Ser.<sup>113</sup>

É por isso que esse mesmo Jesus Cristo tem a capacidade e a autoridade para dar plenitude à todos os anseios do ser humano na medida que o homem escolhe bem na sua liberdade. Jesus como plenitude do Senso Religioso é justamente esse Deus que se Encarna, nos Redime, Ressuscita e mostra, ao longo de toda a sua vida, o homem ao próprio homem. As categorias do realismo, da razoabilidade e da moralidade são plenamente iluminadas no encontro com essa Presença. O Senso Religioso, desse modo, “encontrou definitivamente a sua certeza, na fé n’Ele. Cristo é como o pilar fundamental da vida do Senso Religioso; Ele é a Pedra Angular (Sl 118,22)”<sup>114</sup>.

Tudo isso não iria por “água abaixo” com a morte de Jesus. Sua ressurreição foi fundamental para vida de fé dos Apóstolos, e mais ainda: com sua ascensão, sua Presença se tornou perpétua na história humana através da Igreja. A Pretensão permanece e a Igreja se mostra ao mundo como decorrência da revelação de Cristo aos homens em todo o seu mistério Pascal. Se Jesus foi o método de Deus, agora nos deparamos com o método escolhido por Jesus: a Igreja que subsiste<sup>115</sup> na Igreja Católica.

## Conclusão

Com o término do capítulo, obtemos algumas reflexões acerca da pessoa de Jesus e da sua relação com o Senso Religioso: em primeiro lugar que o ser humano que busca resposta para sua vida e sentido para sua existência se depara com a exigência de uma resposta: se o desejo existe, é porque exista quem possa saciá-lo.

Essa vontade de significado (que é expressa pelo Senso Religioso) alcança seu cume na figura de Jesus Cristo. O foco não será mais a criatividade do homem que irá tentar a todo momento alcançar o mistério último da existência. Ao contrário, o foco será no simples e singular deparar-se com uma Presença, com um fato histórico e com uma pessoa que diz ser o destino de todas as pessoas.

Nesse sentido, ao longo do capítulo evidencia-se que Jesus Cristo consegue corresponder a todos os critérios do coração humano, sendo o destino do homem. Através da sua

---

<sup>113</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 114.

<sup>114</sup> GIUSSANI, L. O senso de Deus e o homem moderno: a questão humana e a novidade do cristianismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 79.

<sup>115</sup> *Lumen Gentium*, n. 8.

personalidade e do seu jeito de agir, ele vai conquistando os discípulos e se tornando para eles o eixo afetivo de toda a existência. Seguir Jesus, caminhar com ele, significa colocá-lo como centro de tudo, como centro de toda experiência humana que nEle ganha significado novo. Percorrer os mistérios centrais da sua vida se torna a memória viva e presente de uma vida da qual bebemos hoje e que se constitui na teologia cristã como Economia da Salvação.

Desse modo acontece ao longo do capítulo uma passagem do “Senso Religioso” para o “Senso de Cristo”, cume dessa experiência elementar da qual a pessoa humana não pode se abster. Ter uma posição diante da Pretensão de Jesus constitui assim a coisa mais importante para a vida humana. Ou alcançamos nele a plenitude do Senso Religioso, ou estamos fadados a renegar algo de nossa própria existência, a um fato que se mostra a todo momento e do qual tudo depende.

Abre-se agora perspectivas para a vida nova, fruto da relação da pessoa com Jesus e que chamamos hoje de Igreja. Nela, o Senso Religioso pode dar o passo para se tornar o Senso de Cristo. Como Jesus é o método de Deus, a Igreja vai se tornar o método e o sinal de Jesus no mundo.

### CAPÍTULO III

#### CRISTO COMO MÉTODO E CONTEÚDO DA IGREJA

**“Ele está aqui”**

**Charles Péguy**

Milagre dos milagres, minha menina, mistério dos mistérios.  
 Porque Jesus Cristo tornou-se nosso irmão carnal,  
 Porque pronunciou temporal e carnalmente as palavras eternas,  
*In monte*, sobre a montanha,  
 É a nós, enfermos, que foi dada,  
 É de nós que depende, enfermos e carnis,  
 Fazer viver e nutrir e manter vivas no tempo  
 Aquelas palavras pronunciadas vivas no tempo. (...).

Levando a termo os aspectos antropológicos, ontológicos da relação do homem consigo mesmo e com os objetos que o cerca através das categorias “realismo”, “moralidade” e “razoabilidade”, o homem encontra a Presença d’Aquele que diz ser o destino de todos os homens, que tem por Pretensão ser aquele do qual todo o cosmo é feito. Ao ser humano cabe fazer a experiência dessa Presença, a verificação dessa proposta que foi apresentada à humanidade. Desse modo, todos os momentos vistos até agora devem fazer a condução de um “Senso Religioso” para um “Senso de Cristo”, que se dá na resposta positiva do coração frente à realidade desse Homem que se identificou com o próprio Deus (Jo 10,30). O Senso de Cristo vai acontecer quando o realismo, a razoabilidade e a moralidade encontram em Jesus esse ponto máximo, a explicação e resposta para as questões fundamentais que o Senso Religioso traz ao homem.

Jesus, ao proclamar Pedro como Pedra da Igreja (Mt 16,18; Jo 1,42) e pedir para que seus cordeiros fossem apascentados por este Apóstolo (Jo 21,15) deixa a semente daquilo que, através da convivência com o Senhor, entre si e com a proximidade após sua morte, vai se tornar a Igreja: “prolongamento do Cristo Presente e Oculto”<sup>116</sup>. Como é possível, hoje, chegar à certeza dessa Pretensão? Aplicando o método através do qual aquele fato se tornou evidente: em um encontro presente, existencial, no qual é possível verificar uma proposta. Deve ser uma experiência humana que toca a pessoa, que a mova por dentro, mas que está fora dela, com o qual a pessoa se depara com um fato, com um encontro integralmente humano.

Ele, por isso, quis prolongar sua vida na História através da vida daqueles homens que o seguiam, ou seja, através da Igreja. A finalidade da vinda de Cristo é comunicar aos homens a Salvação de Deus. Os Apóstolos entram com o Cristo no fluxo do seu Espírito e participam

---

<sup>116</sup> GIUSSANI, L. O caminho para a verdade é uma experiência. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 47.

da própria missão de Jesus. Introduzir a humanidade na relação definitiva com o mistério de Deus é a sua proposta fundamental: é a tarefa para qual foram escolhidos e é com ela que eles devem ir até os confins do mundo (Mt 28, 16-20).

É esse método que Jesus escolheu e que será exposto em algumas das suas qualidades. É essa maturidade humana que a Igreja pretende oferecer. Se a Pretensão de Jesus é ser o destino de tudo, a Pretensão da Igreja é ser o Instrumento<sup>117</sup> que faz o homem verificar (hoje) essa Pretensão do seu fundador. Ela quer ser o caminho pelo qual o homem deve passar para ser aquilo que ele foi criado para ser. Ela quer ofertar ao mundo Aquela personalidade arrebatadora que é capaz de transformar vidas através do olhar, que é capaz de explicar o homem ao próprio homem. Por isso Jesus constitui não só o método, mas também o conteúdo da Igreja.

Desse modo, o percurso que faremos durante este capítulo é em primeiro lugar como o problema da Igreja se vincula ao problema de Cristo. Após isso, será evidenciado os sinais que a Igreja traz consigo como fenômeno identificável dentro da sociedade. Ela, sendo corpo visível do Cristo invisível, se apresenta ao mundo de determinada forma em determinado contexto e que vai culminar na própria experiência do homem como lugar de verificação da proposta cristã. Essa realidade que se mostra ao mundo (Igreja) necessita ser verificada, experienciada na pessoa humana. Assim, aquele Senso Religioso mencionado no primeiro capítulo alcança seu ápice em Jesus Cristo e agora rebenta como vida nova, dentro da realidade eclesial.

## 1. O problema da Igreja como problema de Cristo

A Igreja não é somente uma expressão da vida, mas é uma vida propriamente dita. Essa vida alcança os homens desde há muitos séculos. Ela é “vida” religiosa e para poder verificar sua proposta é necessário se colocar em relação com ela, em uma vivência adequada. Sobre essa realidade o Padre Giussani vai afirmar que “se a Igreja é uma realidade religiosa, na medida em que o aspecto religioso não for ativado ou for infantilmente interrompido, nessa medida será mais difícil poder julgar de forma objetiva e crítica aquele fato religioso”<sup>118</sup>.

Isso explica em certo sentido o problema contemporâneo na sua dificuldade em abordar uma realidade do tipo religiosa: falta uma sincera educação para aquilo que foi denominado

---

<sup>117</sup> *Lumen Gentium*, n. 1

<sup>118</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 21.

“Senso Religioso”<sup>119</sup>. A falta de percepção para esse fator constitutivo do homem leva a humanidade a se sentir cada vez mais distante de realidades que estão radicadas dentro da própria carne e do próprio espírito. Nesse sentido, a primeira dificuldade que existe para se defrontar com a Igreja é, de acordo com a teologia de Giussani, o problema da inteligência. Ela é a fadiga, a falta de disposição do sujeito em relação ao objeto que ele deve julgar. E essa fadiga se dá justamente pela falta de desenvolvimento<sup>120</sup> do Senso Religioso.

Essa falta de educação para o Senso Religioso se documenta na repugnância que o homem moderno tem (e que se tornou quase instintiva) de que o Senso Religioso domine, e que determine cada ação conscientemente. Sobre isso Giussani diserta:

O sintoma da atrofia e da parcialidade do desenvolvimento do Senso Religioso em nós é precisamente este: uma dificuldade ampla e pesada, uma estranheza que experimentamos quando ouvimos dizer que o “deus” é o determinante de tudo, é o fator do qual não se pode escapar, é o critério com o qual escolhemos, estudamos, completamos o produto do nosso próprio trabalho, aderimos a um partido, investigamos cientificamente, buscamos uma esposa ou um esposo, governamos uma nação<sup>121</sup>.

Esse tema é importante (e por isso foi trabalhado logo no início) pois a base de toda experiência humana é fundada nesse feixe de exigências que a todo momento tenta se afirmar e alcançar no homem vida. E aqui, neste capítulo, ilumina a originalidade do cristianismo, que é precisamente a resposta ao Senso Religioso do homem através de Cristo e da Igreja. O cristianismo é, nesse sentido, uma solução para todo o problema religioso e do qual a Igreja é instrumento. É o meio mais adequado de transpor o Senso Religioso para o Senso de Cristo. É nesse sentido que dizemos que o homem religioso é aquele que vive intensamente a categoria da Possibilidade<sup>122</sup>, pois para Deus “nada é impossível (Lc 1,37) e, desse modo, alcança a maturidade, a vida adulta da qual nos fala São Paulo (1Cor 13,11).

Ainda sobre isso, Giussani conclui que o homem contemporâneo é fragmentado e horizontalizado<sup>123</sup>, devido à falta de educação ao Senso Religioso. Por isso ele constitui aquilo que

---

<sup>119</sup> O senso religioso é, como já visto, a dimensão última e inevitável de cada gesto, de cada ação, de cada tipo de relacionamento. É um nível de pergunta ou adesão última que é inextirpável de cada instante de vida, porque a profundidade da sua solicitação de significado se reflete em cada iniciativa, gesto, paixão.

<sup>120</sup> Do latim *involvere*: “rolar sobre”, “fazer girar”. De fato, essa palavra cabe bem no contexto, haja vista que o Senso Religioso é intrínseco ao homem. Cabe a ele rolar sobre essa capacidade e desdobrá-lo, girar ele para fora. De certo modo, desembrulhá-lo e fazê-lo vir à tona.

<sup>121</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 23.

<sup>122</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 33.

<sup>123</sup> Nesse sentido, “falta” nele o aspecto vertical, de sua relação com Deus. O homem-medida-de-todas-as-coisas acredita que Deus é algo que não tenha a ver com sua vida, com sua história. É um incômodo pois assim como na parábola dos vinhateiros homicidas (Mt 21,33-46), o homem contemporâneo expulsa Deus da vinha de sua vida, recusando até mesmo o dom mais precioso de Deus: seu filho unigênito. Isso é viver a horizontalidade e a

é chamado em sua teologia de “Antropologia da Dissolução”<sup>124</sup> (tema no qual o autor vai tratar longamente em algumas de suas obras). De todo modo, vai dizer que:

O homem divide-se a si mesmo: desmorona entre seus interesses, recai totalmente sobre sua terra, mas dela ele será presa. Se de fato o Senso Religioso é pedido de totalidade, constitutivo da nossa razão, e pelo simples fato de viver um homem coloca este pedido, e não somente o coloca mas a ele responde, então, se não for Deus a referência de toda a sua vida, sem excluir nada, algo de particular ocupará o lugar de Deus, que jamais estará vazio no coração do homem<sup>125</sup>.

Aqui, Barrabás<sup>126</sup> (Mc 15,6-15) pode ser utilizado como exemplo do homem contemporâneo: tem a sua vida salva por Cristo e não sabe o porquê. Goza de uma liberdade que ele não entende muito bem de onde veio, e porque veio. Ele é curioso e perturbado, mas nunca se converterá<sup>127</sup>. Do mesmo modo, o homem de hoje consegue compreender os valores do que provêm do cristianismo, mas não consegue crer, e isso o torna terrivelmente incompleto, triste. Um Deus que não tenha nada a ver com a vida humana aumenta o desespero do homem.

É por isso que o cristianismo entrou no mundo: para contestar a ruína do homem, que é perpetrada onde o homem perde o nexos com Deus<sup>128</sup>. É o anúncio do Deus feito homem, que entra no tecido da história humana mudando toda essa mesma história. Cristo veio exatamente para que o homem pudesse, apoiando-se nele, caminhar; lentamente, mas caminhar.

Se o Mistério circunda todas as coisas e as penetra, e se esse Mistério se manifestou diretamente ao homem, o anúncio cristão é que essa hipótese se tornou real<sup>129</sup>: o mistério se tornou carne, fato histórico. Um homem disse “ser Deus”. Aqui, nessa afirmação, entra também o problema: como uma pessoa pode chegar a compreender se, de verdade, Jesus de Nazaré é ou

---

fragmentação. É a vida na qual Deus não faz parte de nada e na qual deixa o homem solitário, e, sendo solitário, não sabe o que fazer com sua liberdade, com sua realidade.

<sup>124</sup> Esse conceito é apresentado na obra “O Senso de Deus e o homem moderno” e se refere ao desconcerto psicológico que o homem vive diante do impacto trágico delineado pela: **1)** angústia do homem que quer viver somente a razão-medida-de-todas-as-coisas; **2)** o desespero ético marcado por um “Deus que não tem nada a ver com a vida”, sendo um chumbo na existência e; **3)** as consequências antropológicas que se resumem na: **a)** perda do gosto pela vida; **b)** a contradição que está na raiz de muitas atitudes e; **c)** a destruição da utilidade do tempo. Tudo isso desemboca em uma única coisa: solidão. Se o homem é a medida de tudo, é solitário como um deus sem companhia. (Cf. O Senso de Deus e o homem moderno. p. 119-129).

<sup>125</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 66.

<sup>126</sup> Do aramaico: *Bar* (filho) + *Abba* (pai). Etimologicamente o próprio nome já revela a condição humana de todos que são salvos por Deus. Cabe a cada homem, no entanto, buscar em sua vida a fonte da liberdade que recebe.

<sup>127</sup> GIUSSANI, L. O senso de Deus e o homem moderno: a questão humana e a novidade do cristianismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 120.

<sup>128</sup> GIUSSANI, L. O senso de Deus e o homem moderno: a questão humana e a novidade do cristianismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 139.

<sup>129</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 43-53.

não o acontecimento que encarna aquela hipótese da revelação em sentido estrito? Historicamente, essa pergunta se entrelaça à própria vida da Igreja<sup>130</sup>. Padre Giussani afirma que

A Igreja se coloca como a resposta a essa exigência de avaliação certa (...). “Quem é verdadeiramente Cristo?”, ou seja, pressupõe um empenho moral no uso da consciência diante do fato histórico do anúncio cristão. Assim como este, afinal, pressupõe a seriedade moral na vida do Senso Religioso enquanto tal<sup>131</sup>.

Assim, para o autor, é uma verdadeira degradação a razão ser desqualificada exatamente naquilo que a torna mais humana e realizada a sua capacidade de nexos, isto é, o Senso Religioso vivo e autêntico.

É por isso que a pretensão de Jesus (Jo 6,35; 8,12; 10,7.11; 11,25; 14,6; 15,1) é precisamente o único fato com o qual é interessante tomar contato, é o único fato que vai obrigar e forçar a inteligência do homem a exigir uma solução. É necessário se colocar nas melhores condições para chegar a uma convicção a respeito de Cristo e da Igreja. É necessário, desse modo, tomar uma posição diante de Cristo e da Igreja. O homem, nesse sentido, é obrigado a dizer sim ou não para essa realidade. É necessário verificar se a proposta é verdadeira ou falsa. O homem não pode aceitar ficar passivamente de fora dessa realidade, distraído de um problema desse tipo<sup>132</sup>. O homem que lenta ou rapidamente deixa de lado a possibilidade de formar uma opinião pessoal sobre o problema de Cristo e da Igreja, impede a si mesmo de ser cada vez mais homem.

Dentro desse panorama, como a Igreja se define? Em primeiro lugar, ela não pretende ser simplesmente um veículo daquilo que é divino, mas a de sê-lo **por intermédio** do humano. De fato, o próprio Cristo “trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano”<sup>133</sup> e agora quer usar dessa mesma natureza para levar à frente seu projeto de vida.

Mais do que um detalhamento analítico, o que se busca é indicar agora a estrutura de categorias que seja adequada para se abordar o problema e a pretensão da Igreja e, agora de modo específico, o seu Nexo com Cristo. Por isso é mister recordar que a Igreja, antes de tudo “é um fenômeno histórico: emergiu, como que ‘veio a tona’, no fluxo da história, em um

---

<sup>130</sup> Fenômeno histórico cujo único significado consiste em ser para o homem a possibilidade de alcançar a certeza sobre Cristo.

<sup>131</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 25.

<sup>132</sup> Continua a ser reforçada essa relação simbiótica de Cristo e da Igreja. Tomar uma posição acerca de um conduz, naturalmente, à uma posição acerca do outro. Essa realidade complexa será abordada mais à frente.

<sup>133</sup> *Gaudium et Spes*, n. 22

determinado instante”<sup>134</sup>. Nessa sua história, ela toma sempre mais consciência da sua missão e do peso dos valores que a constituem. Assim, chega ao ponto existencial mais interessante para o homem: se ela é aquilo que diz ser, como verificar se é razoável, se é verdadeiro?

É por isso que a Igreja se coloca na história, antes de tudo, como relação com Jesus Cristo vivo. Luigi Giussani diz que “qualquer outra reflexão, qualquer outra consideração vem depois desta postura originária”<sup>135</sup>. A vida daquele homem que, por volta de 3 anos se doou à todos, realizou curas e milagres, olhou cada um nos olhos. Aquela vida, que virou centro da afetividade de todos os seus discípulos<sup>136</sup>, morreu na cruz (Mt 27, 45-49). Esse fato abalou os discípulos, desorientou-os e os deixou, por assim dizer, confusos (Mc 14,27). Após esse momento de abalo, eles começaram a se encontrar, talvez mais do que antes (e isso o prova o Atos dos Apóstolos e os livros subsequentes). É um grupo que se reforça, que vai crescendo e se estabelecendo aos poucos. Desse modo, diz Giussani:

O início da Igreja é precisamente esse grupo de discípulos, essa turminha de amigos, que após a morte de Cristo permanecem juntos do mesmo modo. Por quê? Porque Cristo ressuscitado se faz presente no meio deles<sup>137</sup>.

Isso deixa claro, inclusive, que a vinda do Filho de Deus ao mundo não foi impassível, não foi sem vínculos, mas ao contrário: Cristo permanece na história, na vida do homem, de forma pessoal e real, com o rosto histórico e vivo, que é a comunidade cristã, a Igreja. Deus veio no mundo para permanecer no mundo (Jo 15, 1-8), e por isso mesmo ele é o Emanuel, o Deus conosco (Mt 1, 23). Inclusive, mesmo após a sua ressurreição, as aparições são constantes: At 1, 3-4; Mt 28,9; Mc 16,14; Lc 24, 36-43; Jo 21. Existe, nesse sentido, uma continuidade até mesmo fisiológica entre o Cristo e esse primeiro núcleo da Igreja, e é por isso que esse grupo se torna uma continuidade da vida do homem Cristo, presente e ativo em cada um deles. No fundo, esse não é o retrato de um grupo que habilmente soube se reorganizar após os golpes de uma má sorte na vida, mas sim um grupo que nunca se dissolveu, porque o motivo da sua união nunca os abandonou. Para os Apóstolos Jesus não é alguém para ser lembrado, mas é alguém para ser testemunhado ainda como Presente e Operante.

Nos deparamos novamente com o problema da Igreja: o problema da continuidade de Cristo na história. Se ele está Operante como antes, como hoje isso se dá? Esse problema da Igreja se liga ao próprio problema de Cristo. A raiz do problema da Igreja se concentra na

<sup>134</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 105.

<sup>135</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 106.

<sup>136</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 93.

<sup>137</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 108.

continuidade de Jesus, e precisa ser visto como foi colocado aos primeiros que o viveram, da forma como o próprio Jesus o coloca. Ao interrogar a história, normalmente se questiona sobre um fato que aconteceu determinado dia, em um determinado mês e ano; mas pela tradição cristã, Jesus não é um personagem do passado, mas é o Senhor presente na comunidade de fé, com sua Palavra e sua Vida. É o Senhor presente que define o problema da Igreja. E a Igreja, por sua vez, sente a si mesma como comunidade de Jesus.

Desse modo podemos dizer que o conteúdo da autoconsciência da Igreja das origens está no fato de que ela é continuidade de Cristo na História. O cristão é antes de tudo o que crê na Ressurreição de Cristo. Crê que Cristo é vencedor e, de modo particular, que sua ressurreição significa não apenas uma Presença, mas uma Permanência Ativa.

As primeiras comunidades, nesse sentido, exprimiam aquilo que lhes dava consistência no viver, no existir e isso as mantinha unidas em fórmulas que a Teologia vai chamar de “Confissões de Fé”<sup>138</sup>. Essa fé possui conteúdo, substância, que é não uma fórmula abstrata ou uma realidade sem nome, mas o Deus que na história de Jesus Cristo falou e agiu. O conteúdo da fé é uma pessoa, sua obra e o seu destino.

Por isso, é impossível apartar a figura de Jesus da comunidade primitiva, de suas vivências e do seu modo de agir. Quando é dito que o problema da Igreja se liga ao problema de Cristo, é porque eles não apenas se tocam, mas são tão unidos que fazem dessa comunidade de fé ser visível e invisível ao mesmo tempo, constituindo uma realidade complexa, teândrica<sup>139</sup>. A partir disso, é possível pensar a Igreja nos seus elementos constitutivos, a experiência que ela pode proporcionar ao homem e os frutos de sua Presença no mundo como continuadora da Obra Salvífica do Cristo que recapitula tudo em si (Ef 1,10).

## 2. Os elementos constituintes da Igreja

Se a Igreja surgiu como fenômeno histórico, iremos abordar agora os elementos que constituem esse fator através da seguinte indagação proposta pelo próprio autor: “um

---

<sup>138</sup> Essas formulações podem ser encontrar em passagens como Rm 10,9; 1Cor 12,3; 1Jo 4,15; At 2,24.32; 1Pd 1,21ss.

<sup>139</sup> Do grego *Theos* (deus) + *Andros* (homem): a realidade teândrica é aquela que envolve o divino e o humano, ou até mesmo o visível e o invisível. Cf. *Lumen Gentium*, n. 8; *Mystici Corporis Christi*, n. 53.62.

contemporâneo das origens do cristianismo que observasse de fora o emergir do fato, indicaria quais elementos para descrevê-lo? Com quais características, inevitavelmente, se confrontaria?”<sup>140</sup>.

O primeiro fator, se podemos dizer assim, é o que o autor vai chamar de **realidade de uma comunidade que é sociologicamente identificável**. A Igreja se apresenta para seus observadores como uma comunidade. Está é a evidencia que impressiona quem se aproxima. Não atoa o Ato dos Apóstolos vai falar que os cristãos eram perseverantes em ouvir os ensinamentos dos Apóstolos, na comunhão, na fração do Pão, nas orações, pois todos que abraçavam a fé, viviam unidos (At 2, 44-47). Ou então quando se fala sobre os fiéis serem um só coração e uma só carne (At 4,32).

Portanto, o primeiro fator com o qual a Igreja demonstrou colocar-se como realidade foi de ser esse grupo reconhecido, sociologicamente identificável, um conjunto de pessoas ligadas entre si<sup>141</sup>. Isso nos faz lembrar, sem dúvida, a própria relação que *Yahweh* tinha com o seu povo. Israel como povo de Deus e que será transmitido depois, para o cristianismo, a concepção de uma salvação que na sua essência é social e que se dá pelo próprio ato da oração ao dizer “Pai Nosso” (Lc 11, 2-4; Mt 6, 9-13). “Crer em um Deus único era ao mesmo tempo crer em um Pai comum de todos”<sup>142</sup>. Sobre isso, Giussani vai dizer que:

Todos tinham a nítida consciência de que assim como o povo judeu era definido por ser propriedade de Deus, também eles eram a propriedade de Deus, a tal ponto que se apropriavam literalmente das palavras da antiga consciência. (...) Aquele recém-nascido grupo de pessoas colocava-se como quem, gozando da presença viva de Cristo, dava continuidade à Sua realidade quase que de maneira fisiológica, soldava-se àquela presença viva numa concretude de envolvimento familiar e cotidiano. (...) carregavam em si a consciência de construir o verdadeiro e definitivo povo de Deus.<sup>143</sup>

Isso nos leva à um outro ponto, também importante dentro da dinâmica sociológica da Igreja: a cultura. A cultura deve oferecer aos homens o significado de tudo. É por isso que Giussani vai dizer que “o homem verdadeiramente culto é aquele que chegou a possuir o nexo que liga uma coisa à outra e todas as coisas entre si”<sup>144</sup>. Para o cristão, a dimensão cultural deve ser aquela que realiza um confronto entre a verdade da pessoa de Jesus e a vida de cada ser

<sup>140</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 117.

<sup>141</sup> Justino vai dizer que “No ‘dia do Sol’, como é chamado, reúnem-se num mesmo lugar os habitantes, quer das cidades, quer dos campos. Leem-se, na medida em que o tempo permite, ora os comentários dos Apóstolos, ora os escritos dos Profetas” (JUSTINO, Apologia I, 67).

<sup>142</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 121.

<sup>143</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 123.

<sup>144</sup> GIUSSANI, L. O caminho para a verdade é uma experiência. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 45.

humano, em todas as suas implicações. Essa é a vida da comunidade primitiva, pois Cristo é a realidade que explica tudo e que é motivo de sua união. Não à toa, a própria sinopse do primeiro livro do PerCurso, “O Senso Religioso”, vai dizer que a fórmula rumo ao significado último da realidade é viver intensamente o Real. “A única condição para sermos sempre e verdadeiramente religiosos é vivermos sempre intensamente o real, sem renegar nem esquecer nada”<sup>145</sup>. Além disso, ele diz que

A experiência é o encontro de um sujeito com a realidade; a realidade como presença convida-o e interroga-o (‘problematiza’). O drama humano está na resposta a essa problematização (‘responsabilidade’), e a resposta é evidentemente gerada no sujeito. (...) Por isso a educação da pessoa à fé é educação a uma capacidade cultural. (...) é o desenvolvimento da consciência de pertencer.<sup>146</sup>

Ora, não era justamente esse movimento que todos os Apóstolos tiveram no início da sua vivência com Jesus? Eles se sentiam impelidos por um homem que os conquistava diariamente. Se sentiram seduzidos e, através da vida partilhada, foram tomando responsabilidade diante da Pretensão. Isso os uniu e os fez – cada um a seu modo – transformar a realidade ao seu entorno, anunciando essa consciência de pertença da qual eles próprios vivenciaram na sua personalidade<sup>147</sup> e modo de ser. Colocar logo de início esse fator constituinte da Igreja (uma comunidade identificável) é afirmar a potencialidade do Espírito na transformação da própria sociedade (Ap 21,5).

Tudo isso nos leva ao segundo elemento de constituição da Igreja: **o revestir de uma “força do alto”** (At 2,1-4). A vida de Cristo era a vida vivida por aquela comunidade física, mas o estar juntos nem sempre era possível fisicamente (ainda que o seu valor seja importantíssimo). Esse Cristo, que seduziu a vida dos seus, prometeu a eles uma energia, uma nova força de compreensão e de consolação (Jo 14,16; 16, 12-13; Lc 24,49). Essa força e energia iria ditar o passo dos seus discípulos, unindo-os, ainda que separados fisicamente.

Essa força tinha, ao primeiro momento, o caráter de poder mudar a própria personalidade. Tudo o que acontecia com eles, não era por uma mera adesão consciente, mas era antes

---

<sup>145</sup> GIUSSANI, L. O senso religioso. São Paulo: Paco, 2017, p. 167.

<sup>146</sup> GIUSSANI, L. O senso de Deus e o homem moderno: a questão humana e a novidade do cristianismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 155.

<sup>147</sup> Personalidade é o modo característico como uma pessoa sente, pensa, reage, se comporta e se relaciona com as outras pessoas. Ou ainda o conjunto integrado de traços psíquicos, consistindo no total das características individuais, em sua relação com o meio, conjugando tendências inatas e experiências adquiridas no curso de sua existência. Cf. DALGALARRONDO, Paulo. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 270.

um dom dado do alto. Os discípulos sentiam dentro de si uma personalidade nova, que ao mesmo tempo que era eles, não era. Sobre isso o Padre Giussani diz:

É sempre oportuno recordar que aquele “do alto” não deve ser entendido como uma investidura mecânica e estranha: de fato, em latim, *altus* tem também o significado de “profundo”. Por isso, afirmar ser investido por uma força do alto equivale a dizer por uma força que está na raiz do ser, uma energia com a qual é comunicado o ser. É justo, então, afirmar que o conteúdo da autoconsciência nova daquelas pessoas que se sentiam determinadas por uma energia proveniente do alto, coincidia com a forma de uma nova personalidade. Nelas disparou uma personalidade diferente no íntimo, no profundo.<sup>148</sup>

Eles se sentiam, desse modo, personalidades diferentes no mundo, na sociedade, tanto na própria concepção de si como na força comunicadora que tinham. Existe uma mudança de rosto, da expressão, como que uma nova ontologia<sup>149</sup>. Essa mudança será mais tarde traduzida como “graça sobrenatural”<sup>150</sup>. Esse dom transforma tudo e todas as relações, de modo que eles começam a experimentar a realidade que os circunda de modo novo, densa de sentido, carregada de amor. Esse penhor investe os homens que Cristo congrega em sua Igreja, e esses edificam a comunidade, novo mundo.

Além disso, esse dom dado do Alto ajuda os discípulos declarar frente ao mundo, o senhorio de Jesus. Essa comunicação fecunda se dá através daquilo que se chama Profecia<sup>151</sup>. Profeta, de fato, é aquele que “anuncia o sentido do mundo e o valor da vida”<sup>152</sup>. A força do testemunho<sup>153</sup> arrasta todos os olhares curiosos que aquele grupo recebe. O fascínio de uma vida cheia de sentido faz outras pessoas se moverem também rumo à esse *quid* e arranharem aquele núcleo de exigências que paira sobre todo o coração.

Assim adentramos o terceiro e último fator que se apresenta aos olhos daqueles que observam o grupo dos cristãos: um novo tipo de vida para a qual aquela comunidade, animada

<sup>148</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 144.

<sup>149</sup> De origem na Metafísica de Aristóteles, ontologia é a ciência do ser. Faz referência, desse modo, aquilo que é mais básico e essencial na constituição do objeto estudado.

<sup>150</sup> Uma exaltação ontológica do eu, um salto de qualidade na participação do ser. É o novo nascimento (Jo 3,3-4). Cf. GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 279.

<sup>151</sup> A profecia está ligada a mensagens divinas ou de intuição religiosamente importante baseada em inspiração ou contato imediato com a divindade. Uma frase do Novo Testamento que resume bem o teor total do oráculo cristão-primitivo é At 21,22: “Isto diz o Espírito Santo”, expressão cunhada segundo a fórmula dos profetas do Antigo Testamento “Isto diz Javé”. Cf. EICHER, P. Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia. São Paulo: Paulus, 1993, p. 726-727.

<sup>152</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 149.

<sup>153</sup> Teologicamente há de se entender aqui por “testemunho” aquela espécie de transmissão do Evangelho na qual o crente/fiel não toma a iniciativa de falar a outros, mas se apresenta como homem/mulher, cuja vida e modo de considerar o mundo e os homens é de tal índole que as pessoas lhe vêm perguntar acerca do fundamento em que se apoia a sua existência: a descoberta de Deus em Jesus Cristo. Cf. EICHER, P. Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia. São Paulo: Paulus, 1993, p. 927.

pelo Espírito, desperta, e que pode ser resumido pela palavra grega *koinonia* (ou em latim, *communio*). De acordo com Giussani, essa palavra

Define a estrutura de relacionamento que qualifica o grupo, representa o termo que especifica no Novo Testamento um modo de ser e um modo de agir, um modo de viver próprio da coletividade cristã, uma maneira de se relacionar com Deus e com os homens.<sup>154</sup>

Ao traduzir, colocamos essas duas palavras no conceito de “comunhão”. Porém, dentro do léxico grego, a *koinonia* é uma palavra de uso comum, que não alude de forma alguma à experiências particulares (espirituais ou psicológicas), mas algo de usual na vida dos homens daquela época. Dentro do Evangelho, isso se assemelha àquilo que chamamos de “sócios de uma cooperativa” (Lc 5,10). Ou seja, indica relações recíprocas entre pessoas que possuem algo em comum, partilham de um mesmo interesse. Padre Giussani diserta falando que o termo

Tem duas informações a nos revelar: a primeira é que ser *koinonoi* implicava uma posse em comum; a segunda é que dessa posse em comum resultava uma solidariedade entre eles. No caso do Evangelho de Lucas, os sócios tinham em comum os barcos de pesca, de onde resultava a solidariedade na ação, de modo que os barcos dessem lucro.<sup>155</sup>

Do mesmo jeito, esse termo vai ser utilizado para designar algo que os cristãos tinham consciência de possuir em comum. De fato, possuíam em comum uma única razão de vida, Jesus Cristo. Por isso o Novo Testamento vai estar recheado dessa expressão e desse convite para a comunhão (por exemplo 1Jo 1,3.6-7) que representa, além de tudo, um valor ontológico justamente por envolver o ser do homem: quando se têm em comum o sentido da vida, tem-se em comum tudo da vida.

Nesse sentido, a ideia guia dos relacionamentos concretos que os primeiros cristãos tinham era assentada justamente sobre o fato de ter Cristo em comum, o que faz com que as coisas da vida (materiais ou espirituais) estejam também em comum à medida que Cristo se torna o eixo da existência humana. Isso faz com que os cristãos possuam um ideal ético, uma conotação institucional, além de se expressarem ritualmente e deixar-se guiar por um fator hierárquico com fervor missionário. Tudo isso transborda em uma moralidade<sup>156</sup> que tem a certeza de que Jesus Cristo pode atravessar, vitoriosamente, as impotências humanas com a sua força e mudá-las em uma energia que opera para o bem<sup>157</sup>.

---

<sup>154</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 154.

<sup>155</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 155.

<sup>156</sup> Recordando: é a relação entre o gesto e a concepção do todo nele implicado. Cf. GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 116.

<sup>157</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 179.

A comunidade sociologicamente identificável, a força do alto que aprimora as personalidades e a *koinonia* como partilha de vida constituem assim os pilares fundamentais da eclesiologia giussania e que faz referência as primeiras comunidades cristãs. O que é vivido hoje pelo cristianismo são os mesmos valores, mas com alguns séculos a mais nas costas. Além disso, esse tripé constitutivo avança para o que será entendido como “as notas da Igreja”, que são, de acordo com Giussani, os frutos (Mt 7,15-20) da presença de Cristo na vida da Igreja “por meio dos quais ele continua sua ação na história, e que constituem sintomas da eficácia da Igreja sobre a vida e sobre a história do homem”<sup>158</sup>. Essas notas são (de modo muito sintético), em primeiro lugar, a **unidade**: pois a Igreja é chamada a demonstrar que o valor de um gesto reside na medida de sua ligação com o todo; Em segundo lugar, a **santidade**: que não é uma anormalidade, mas sim a realidade humana que se realiza segundo o desígnio que a criou, sendo o Santo aquele homem que realiza mais integralmente a sua própria personalidade; Como terceiro lugar vemos a **catolicidade**: pois a verdade que a Igreja proclama e a experiência que ela introduz, podem ser veiculados e assimilados por qualquer cultura e mentalidade; E por fim a **apostolicidade**: que é a capacidade da Igreja enfrentar de modo unitário o tempo. É a sua dimensão histórica que não só preserva o passado, como se fortalece nas promessas de Jesus para enfrentar os desafios do mundo hodierno<sup>159</sup>.

### 3. A experiência humana como lugar de verificação

Entendendo o problema da Igreja e sua relação com a problemática do próprio Cristo, e depois analisando os elementos que constituem a Igreja, é necessário agora confrontar a pessoa humana com todos esses elementos que estão em jogo: o Senso Religioso, Jesus Cristo, a Igreja. Ela (a Igreja) é de fato o prolongar-se de Cristo no tempo e no espaço? Esse Jesus que ela oferece é capaz de suprir aquilo que o coração anseia? O acontecimento de Jesus consegue, hoje, tocar a carne humana? Para responder qualquer uma dessas perguntas é necessário

---

<sup>158</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 318.

<sup>159</sup> As notas são quatro adjetivos (una, santa, católica e apostólica) incorporados ao artigo sobre a Igreja no símbolo do Concílio de Constantinopla (381). São responsáveis por mostrar, em síntese, o mistério da Igreja de Cristo. Todas as quatro notas da Igreja podem ser aprofundadas em: Denzinger, H.; Hunermann, P. Compêndio dos Símbolos, Definições e Declarações de Fé e Moral. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 65-57; GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 317-354.

entender, primeiramente, o que a Igreja reivindica para si como fator de juízo: a experiência elementar<sup>160</sup>.

A proposta da Igreja quer entrar no drama e na tensão humana em que o homem é projetado a comparar qualquer elemento do real com a experiência que constitui seu coração. A Igreja aposta no homem, supondo que a mensagem da qual ela mesma é instrumento, avaliada pela experiência elementar, encontra terreno fértil e se mostra como presença prodigiosa em meio ao mundo. Ela, nesse sentido, se dirige sempre à experiência humana, jogando suas sementes pelo caminho, abandonando a sua mensagem à ação dos critérios originais do coração humano (Lc 8,4-8).

Ao se propor para todos os homens como o prolongamento de Cristo, a Igreja se coloca à prova, sendo, por assim dizer, o “cêntuplo” da Parábola do Semeador (Lc 8,8). É como se dissesse: “Comigo obterás uma experiência de plenitude de vida que não encontrarias em lugar nenhum”<sup>161</sup>. De fato, cada ser humano busca essa realização na vida, essa busca de plenitude. A mensagem de Igreja, de acordo com Giussani, é ter:

Como único interesse levar à realização o anseio supremo do homem, sem lhe pedir que esqueça um sequer dos seus desejos autênticos, das suas necessidades primárias, prometendo-lhe antes um resultado muito superior às suas próprias capacidades de imaginação: o cêntuplo.<sup>162</sup>

E ainda sobre isso, ele diz que “se a sensibilidade pela nossa humanidade não for constantemente solicitada e ordenada, nenhum fato, nem mesmo o mais evidente, encontrará uma correspondência”<sup>163</sup>. Quando não existe esforço, as coisas, as palavras e até mesmo os fatos que antes se apresentavam claros, deixam de sê-lo, e repentinamente não são mais compreensíveis. A Igreja ser e oferecer o cêntuplo vai de acordo com essa realidade exposta que se dá, muitas vezes, também através do sinal. Nesse caso, o “gesto” mais iluminador e o sinal mais significativo é a concepção que uma pessoa tem da vida. Se é verdade que Ele é o Redentor do homem e centro do cosmo e da história<sup>164</sup>, quanto mais verdade é que só esse sentido último têm a capacidade de Salvar alguém. De modo sintético, apenas o divino pode definir a moralidade de

---

<sup>160</sup> Como já exposto no primeiro capítulo, é o “conjunto de exigências e evidências com as quais o homem é lançado no confronto com tudo o que existe”. Cf. GIUSSANI, L. *O senso religioso*. São Paulo: Paco, 2017, p. 23-25.

<sup>161</sup> GIUSSANI, L. *Por que a Igreja*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 310.

<sup>162</sup> GIUSSANI, L. *Por que a Igreja*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 311.

<sup>163</sup> GIUSSANI, L. *Na origem da Pretensão Cristã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 119.

<sup>164</sup> *Redemptor Hominis*, n. 1

uma pessoa. Se a Igreja tem por cabeça esse Senhor, cabe à ela também essa missão. Padre Giussani vai dizer que:

É na concepção da vida proclamada por Cristo, na imagem que Ele dá da verdadeira estatura do homem, é no olhar realista que Ele lança sobre a existência humana, que o coração que busca o seu destino percebe a verdade na voz de Cristo que fala; é aqui que o coração “moral” percebe o sinal da Presença do seu Senhor.<sup>165</sup>

É por isso que a Igreja não pode entregar um livro para seus fiéis com algumas fórmulas na mão e deixar um conjunto fixo/rígido de regras. Ao contrário, sua missão (e ao mesmo tempo é o problema da verificação) é a promoção de um Encontro, de algo fisicamente presente. Se a Igreja é uma vida, ela deve oferecer também vida.

O homem, por sua vez, não pode se dispor a uma verificação desse porte sem assumir para si um compromisso que envolva sua vida inteira. Giussani diz que “se a Igreja se coloca como vida, vida plenamente humana e repleta de divino, o homem deverá comprometer-se com a vida para ‘verificar’ esse desafio”<sup>166</sup>. Ou seja, deve se comprometer com aquele Senso Religioso, com aquele núcleo de exigência que o faz se doar em cada gesto no agora da vida. Justamente por ser o “agora”, esse compromisso de encontrar (ou não) a verdade deve ser verificada a partir do que a Igreja é hoje. Se a Igreja não pode trapacear, tampouco o homem o pode. É necessária uma abertura verdadeira de coração, e por isso, da pessoa inteira. Por isso o autor diz também que:

Somos chamados a uma experiência que deve ser cumprida com fidelidade, isto é, até quando a proposta nos for feita. Um seguimento que não tenha previsto a vontade de continuar, nem sequer o início era autêntico. Uma pessoa só pode abandonar a proposta cristã se esquece as próprias exigências originais, se trai a própria consciência.<sup>167</sup>

Essa disponibilidade de compromisso é vista, sob o olhar giussaniano, através da categoria “pobreza em espírito” (Mt 5,3). Essa pobreza<sup>168</sup> está inteiramente ligada a dependência do sujeito à Deus. A expressão da moralidade enquanto consciência de dependência de Deus se

<sup>165</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 120.

<sup>166</sup> GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 313.

<sup>167</sup> GIUSSANI, L. Decisão para a existência. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1991, p. 47.

<sup>168</sup> Vale lembrar a riqueza que essa palavra tem dentro da Teologia do Concílio Vaticano II. Através de uma radio mensagem de João XIII no dia 11/09/1962 (um mês antes da abertura do concílio), o Papa diz que “a Igreja se apresenta e quer realmente ser a Igreja de todos, em particular, a Igreja dos pobres”. Aqui vê-se novamente a tensão da Igreja, que nesse contexto se dá entre a universalidade da Igreja (Igreja de todos) e a sua realização na história (Igreja dos Pobres). Constitui assim uma realidade em processo, do “é e ainda quer ser”, ou do “já e ainda não”. Essa concepção vai ser nevrálgica para a elaboração de toda teologia posterior. Cf. JOÃO XXIII. “Mensagem radiofônica a todos os fiéis católicos, a um mês da abertura do Concílio”. In: Vaticano II – Mensagens discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 2007.

chama oração. Ela é a consciência última de si, enquanto consciência da dependência constitutiva da relação com Deus. Giussani comenta que:

Perceber a própria dependência original não significa simplesmente consciência de um passado, do gesto que nos criou. Pelo contrário, a dependência do homem é contínua, em cada instante, em todos os detalhes da nossa ação. Cada fragmento da nossa existência tem a sua origem total no mistério do Ser. (...) O homem não se faz por si mesmo a cada momento. Se a consciência é a transparência daquilo que o homem é, a consciência de si leva-o à conclusão de que o homem é feito a cada momento por um Outro, que o seu eu é um Outro que o faz. (...) a vida é pura dependência de um Outro.<sup>169</sup>

A oração se torna, assim, a percepção de que “neste” momento a vida “é feita”. Isso é a pobreza: o não ter apego e entender que tudo depende de uma providência maior, que sustenta e mantém o ser humano na existência, pois ele não se faz por si mesmo e precisa pedir (orar) para ser feito e refeito todas as manhãs. Nesse sentido, a oração não é um gesto a parte, mas realiza a primeira dimensão de todas as ações.

Se o homem possui abertura de coração para a experiência que a Igreja oferece à ele, e se dispõe a ter um compromisso sério com sua própria vida, o homem se depara com seu estado de mendicância de um Outro que o refaz todo dia e que um dia o modelou em segredo, e o teceu na terra mais profunda (Sl 139,15). O fruto dessa consciência se dá na petição (oração) da graça dessa presença constante: é a consciência de Pertença. Em Jesus, o “Deus conosco”, a familiaridade e o diálogo com Aquele que nos cria a cada instante torna-se não só transparência que ilumina, mas também companhia histórica. É por isso que o Padre Giussani diz que:

O homem se distingue das outras criaturas enquanto é consciente daquilo que vive; essa consciência não é completa se não se aprofunda até o Fundamento do qual a vida surge; o arco da reflexão não atua em toda a sua dimensão se não chega ao Ponto do qual brota o eu com o seu gesto.<sup>170</sup>

É por isso que na vida espiritual, o vértice da oração não é o êxtase, ou seja, uma consciência do fundamento no qual a pessoa perde o senso do habitual, mas será antes ver o fundamento como se veem as coisas habituais. Ver o fundamento das coisas habituais se assemelha ao papel do poeta e ter um olhar religioso para a vida, nesse caso, é coincidente com o olhar poético sobre a cotidianidade. Não atoa o autor acredita no grande poder que as diversas artes possuem de expressar sinais de Cristo sobre o mundo. Na visão giussaniana, cultura e cristianismo se entrelaçam no processo de secularização. Isso agrega a visão totalizante que o autor

<sup>169</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 129.

<sup>170</sup> GIUSSANI, L. Na origem da Pretensão Cristã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 130.

tem sobre a vida e a religião e que incide no realismo por ele proposto: todos os fatores precisam ser levados em conta.

Para aguçar esse olhar poético sobre a vida, é necessário tocar o Senso Religioso e pelo qual o meio é a petição e que alcança seu cume na figura de Jesus como homem orante. Por isso que, em dois momentos especiais, Jesus é aquele homem que vai definir com força a natureza de pedido que constitui a oração e que escancara o olho humano para a realidade. O primeiro é em Lc 11, 5-13. O segundo, também com a mesma finalidade, ressalta a importância de viver a vida como mendicância: Lc 18, 1-8. E a comunidade dos Apóstolos, assíduas na oração, seguem os passos de seu Mestre pedindo insistentemente aquilo que Cristo lhes tinha prometido (At 1,14). Por isso diz Giussani

A comunidade acontece só onde há um esperar juntos. (...) As nossas experiências, levadas realmente à sério, são um sofrimento, um descobrir-se cheios de necessidades, de problemas não resolvidos, de dor, de ignorância; levadas realmente a sério, elas exigem inexoravelmente algo “de outro”, algo “além”: ou seja, elas têm uma autêntica dimensão religiosa. As nossas experiências, levadas a sério, são uma autêntica profecia (espera, esperança...) do que ainda não se possui. (...) Por isso reza aquele que é mais realista: aquele que considera mais seriamente a sua experiência humana.<sup>171</sup>

Essa oração toma então o caráter de comunidade. O “nós” vai se tornando, aos poucos, a plenitude do “eu”, lei da realização do “eu”<sup>172</sup> onde o Espírito Santo, dom de Deus, remove no ser humano toda a solidão e faz o homem criar consciência de que existir é ser amado. A existência humana, pela potência do espírito, se torna uma amizade inexaurível e onipotente com Deus em Jesus Cristo. Essa amizade vai construindo a nova civilização<sup>173</sup>.

A Presença desse dom do alto que nos impulsiona à petição nos remete também a palavra “dentro”. O Filho nos coloca “dentro” do Pai, que por sua vez nos coloca “dentro” de uma condição mundana: se não passarmos por esse filtro (desse “Pai Nosso” que age dentro da história humana pela potência do seu Cristo e do seu Espírito), perdemos a oportunidade de alcançar uma maturidade. Estar instalado na realidade é pressuposto para a verificação. Giussani vai dizer que nos primeiros anos em que ensinava religião na escola

Quando dizia aos alunos: “vocês devem empenhar-se numa verificação da tradição cristã”, eles perguntavam: “por quê?”, e eu respondia: “porque vocês

<sup>171</sup> GIUSSANI, L. O caminho para a verdade é uma experiência. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 110-111.

<sup>172</sup> GIUSSANI, L. O caminho para a verdade é uma experiência. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 135.

<sup>173</sup> “O encontro com uma comunidade cristã qualquer, que procure viver decididamente em nome de Cristo, realiza inevitavelmente uma forma de convivência, um clima e um ritmo humano tão diferente do comum que não pode deixar de tocar quem a observa como algo de novo, de estranho, de perturbador, de humano ideal.” Cf. GIUSSANI, L. O caminho para a verdade é uma experiência. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 136.

nasceram nela”. A tradição cristã<sup>174</sup>, com efeito, é a primeira hipótese de trabalho que a natureza colocou em nossas mãos: se ela é deixada de lado em favor de outra, ou por acaso ou por vontade, a realização da própria vida acontece, inevitavelmente, assumindo como critério fundamental o capricho, o acaso mesmo, portanto, sem racionalidade e sem moralidade, a não ser que, com o passar dos anos, uma conversão a corrija.<sup>175</sup>

Desse modo, a Presença deve ser buscada e oferecida dentro do ambiente em que Deus coloca o homem e que é encharcada de tradição. Não de modo fechado, mas de modo catalizador ao olhar e realizar qualquer gesto. “Experiência elementar”, “oração”, “mendicância”, “presença”, “estar dentro”, tudo isso são ao mesmo tempo um método e fatores que contribuem para que o ser humano realize a verificação da própria vida e da proposta que a Igreja quer ser para ele. Nesse sentido, o que é o cristianismo senão Deus que se tornou experiência do homem dentro de uma situação?<sup>176</sup>.

Assim, verificar um chamado significa, em primeiro lugar, segui-lo com toda a consciência, com toda a razoabilidade, com toda a criticidade que o ser humano é capaz, pois a verificação pressupõe uma clareza, uma limpidez na razoabilidade. Para verificar é preciso empenhar toda a pessoa com atenção clara e aberta: com inteligência e liberdade<sup>177</sup>. É preciso aderir às coisas porque são, não porque se está em busca dos próprios conceitos de justiça ou outra coisa. Desse modo, a única maneira adequada para verificar a proposta do chamado cristão que a Igreja faz ao homem é convertendo-se a esse chamado, se empenhar nele para colocá-lo à prova.

É por isso que a proposta cristã aborda diretamente o homem, no seu presente. Essa proposta pede para ser verificada com todos os instrumentos que o homem possui em si, e por isso é algo profundamente pessoal, e ao mesmo tempo enraizada num relacionamento comunitário, social. Não dá para se verificar essa proposta no raso da vida. Dilatar a capacidade do homem em um caminho de liberdade é o que a Igreja pretende educar a fazer em Jesus Cristo. Esse sujeito, sedento de realidade, de ser, pode encontrar na Igreja sua autêntica estatura, em

---

<sup>174</sup> É na imanência, vivendo dentro da comunidade eclesial que, quase que por osmose contínua, as verdades de Cristo penetram, dia após dia, de maneira incalculável, a membrana da consciência humana. É da tradição que vêm a clareza da verdade de que o homem necessita para enfrentar a vida, pois ela é a consciência da comunidade que vive agora, enriquecida pela memória de toda a sua vicissitude histórica. Cf. GIUSSANI, L. Por que a Igreja. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 262-266.

<sup>175</sup> GIUSSANI, L. Decisão para a existência. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1991, p. 41-42.

<sup>176</sup> GIUSSANI, L. Decisão para a existência. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1991, p. 42.

<sup>177</sup> Liberdade, segundo Giussani, é a vontade empenhada. Toda a adesão ao cristianismo, no que tem de puramente mecânico, não tem valor, pois todo o valor da pessoa é medido pela adesão livre, por uma convicção iluminada e decidida. Cf. GIUSSANI, L. O caminho para a verdade é uma experiência. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 34-36.

que o Santo é aquele que se faz profundamente humano e mendicante, e por isso, profundamente aberto para as surpresas de uma vida que brota a cada manhã.

## Conclusão

Ao término do capítulo podemos contemplar de modo panorâmico a visão giussaniana de Igreja e da sua relação com a figura de Jesus Cristo e do próprio Senso Religioso. De fato, Jesus quis prolongar sua vida através daqueles que O seguiam, ou seja, através da Igreja na figura dos Apóstolos. A finalidade do Filho de Deus é justamente comunicar aos homens a própria Salvação que vem desse Deus de modo gratuito, desinteressado. Os Apóstolos então entram com o Cristo no fluxo do Espírito Santo para poder participar da própria missão de Jesus. Introduzir a humanidade na relação definitiva com o Mistério de Deus é a missão da Igreja.

De modo geral, o caminho realizado foi esse: A humanidade é feita para buscar Deus; Cristo é o homem por excelência que apresenta o rosto de Deus à humanidade; Encontrar Cristo é encontrar com o próprio Mistério que se fez carne; A Igreja que conserva, hoje, a missão de anunciar esse homem ao mundo; pertencer à Igreja (ou ter uma posição diante dela) vai ser algo fundamental para a vida humana, para os homens de boa vontade que pretendem tocar o âmago do próprio feixe de exigências denominado Senso Religioso.

Nesse sentido que o problema de Cristo – ele ser ou não aquilo que ele diz ser – vai se tornar também o problema da Igreja, na sua realidade humana e divina e no modo como ela prolonga a figura desse mesmo Jesus na história. Esse último ponto é importante, pois ela se coloca na história como relação com Jesus Cristo vivo, ressuscitado. Essa é a premissa básica para a eclesiologia giussaniana.

Depois que o problema foi apresentado, viu-se como a realidade da Igreja se manifesta dentro da história, através dos seguintes elementos: em primeiro lugar uma realidade sociologicamente identificável; em segundo lugar como uma instituição revestida por uma força do alto; e por último o modo como as pessoas enxergam essa realidade, através da *koinonia*, um novo tipo de vida que aponta para uma comunhão. Além disso, viu-se a eficácia da Igreja, hoje, através das suas notas: una, santa, católica e apostólica.

Com todos os elementos presentes, observou-se por último a relação de tudo isso com a pessoa humana. Como o homem confronta tudo isso que está em jogo? Aqui, a Igreja se

apresenta como proposta para entrar no drama humano e comparar as experiências reais com o critério do próprio coração do homem. Se a Igreja é o prolongamento de Cristo, ela deve levar também aos seres humanos o mesmo projeto de vida que Cristo propunha. É a promoção do Encontro, de algo fisicamente presente. Como a Igreja é vida, ela deve oferecer também vida.

Isso vai exigir do homem um esforço, um comprometimento verdadeiro em fazer essa experiência da Igreja, de Cristo. Em outras palavras, vai ser exigido do homem um comprometimento com o Senso Religioso, com a sua própria vida e as exigências do seu próprio coração. Essa experiência vai se dar, dentre muitos fatores, através de uma verdadeira “pobreza de Espírito”. Ser pobre é ser totalmente dependente, necessitado de uma providência maior. É entender que ninguém se faz por si mesmo, mas que é feito por amor, no amor. É uma verdadeira abertura de coração para experienciar aquilo que a realidade quer manifestar.

Fruto dessa consciência, por fim, é a oração, que é consciência de pertença, súplica por providência. Na oração, o homem aprende mais de si mesmo, da sua falta e de como pode preenchê-la. Na oração se toca o Senso Religioso e se entende as três categorias propostas: realismo, razoabilidade, moralidade. É na oração que o homem se torna próximo da pessoa de Jesus. Quanto mais oração, mais o homem vai se tornando um “eu”, que é fruto de um “não eu”. Na visão giussaniana o homem só pode ser ele mesmo na presença de um Outro. É o “eu, mas já não eu”. É o Espírito Santo que rebenta como vida nova através da oração e do contato do homem com a realidade da Igreja e de Cristo.

Assim, o capítulo considera como conclusão a afirmação da proposta cristã como totalmente razoável e condizente também com as necessidades do coração humano, fazendo o homem superar o raso da sua existência e dilatar o seu caminho rumo à liberdade, encontrando na Igreja sua mais alta estatura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo chegado ao fim do estudo e da explanação acerca do Senso Religioso, de sua relação com Cristo, e como a relação entre esses dois fatores constituem uma vida nova – chamada Igreja –, conclui-se o presente trabalho retomando o percurso feito até o momento com o intuito de sintetizar o pensamento do autor e abrir novas perspectivas para se pensar a Teologia contemporânea.

Tudo se inicia, para o Padre Giussani, pela concepção que o próprio homem tem de sua vida, e isso é o Senso Religioso. Esse Senso possui, antes de tudo, algumas premissas que possibilitam a exploração dele de modo mais pleno, profundo. Essas premissas são: em primeiro lugar o **Realismo**: onde o método é imposto pelo objeto. No Senso Religioso esse objeto é o próprio homem, e o método uma investigação existencial acerca da sua vida; em segundo lugar a **Razoabilidade**: é colocado em evidência o sujeito que age: o homem. O modo de agir ajuda na tomada de consciência da realidade em que está inserido. Aqui, a razão é abertura para a realidade e a capacidade de agarrá-la na totalidade de seus fatores; por fim, a **Moralidade**: o que acontece dessa relação homem-objeto é que um toca o outro, toca por inteiro e mexe com seu estado de ânimo, seu sentimento. Quando algo interessa à vida da razão, aquilo se torna um “valor”. A moralidade faz do homem curioso, espantado e encantado por aquilo que o cerca. Nesse caso, quanto mais investiga a si mesmo, mais curioso fica acerca daquilo que lhe constitui.

Essas três premissas formam o processo do conhecimento e que permite uma abordagem direta ao Senso Religioso. Esse, por sua vez, representa uma das dimensões fundamentais do ser humano, e que se expressa através das perguntas últimas que o homem faz a si mesmo vez ou outra: de onde vim? Quem eu sou? Para onde vou? Qual o sentido de tudo? Essas indagações (e outras parecidas) acerca do significado total da realidade configura o Senso Religioso e está radicada na figura de cada pessoa que já passou pelo mundo, pois todo movimento humano tem sua origem última nesse núcleo fundamental. De modo sintético: conforme a investigação do homem sobre si mesmo vai avançando, ele vai se dando conta que o Senso Religioso é o sentimento de dependência total, original, e por isso ligado à Deus, determinante de tudo.

O homem, despertado para essa questão nevrálgica na sua vida, vai aos poucos criando consciência dessa estrutura de mendicância de uma Presença, ainda que misteriosa. Se existe um outro que me faz a cada momento (e que vou me dando conta na medida em que reflito as indagações fundamentais), percebo que esse Outro que me faz é Mistério, e, se me faz, é Pai.

Ninguém é tão Gerador e tão Fecundo quanto esse Pai que cria o ser humano a todo instante. Esse Deus Pai envia seu filho ao mundo para nele Salvar todos os homens. Com Jesus, o homem não fica só, mas tem a certeza de uma Presença que se dá através de um Encontro. Essa Presença é continuada na história pela força do Espírito Santo através da Igreja. Essa força do alto que reveste o ser humano permite que a Presença de Jesus seja sempre e contínua, e que o homem, ao se unir a Ele, descubra cada vez mais a sua posição de filho de Deus, sua consciência de ser feito por um Deus Pai gerador. Esse movimento trinitário é presente ao longo de todo o estudo.

Além disso, na teologia giussaniana, fica claro ao longo do estudo que não é possível pensar qualquer itinerário que não esteja envolvido com o viver real, com essa realidade que afeta o homem a todo instante e que chama ele a vivenciar uma experiência escondida dentro dessa realidade. Por exemplo, se é levada em conta a premissa do Realismo (ou seja, que o objeto me diz o método que deve ser utilizado para conhecê-lo e/ou compreendê-lo), então começa a entrar no horizonte da pesquisa a possibilidade de uma intervenção desse Mistério último que toca o ser humano e que recebe o nome Deus. Negar essa possibilidade (de intervenção divina) é querer impor o método ao objeto, e dizer, o que Deus pode ou não pode fazer. O fato é que essa hipótese além de conveniente é possível: se encontra com o desejo do coração do homem, corresponde a sua natureza.

Acontece então o que Giussani vai chamar de “reviravolta do método religioso”: a relação homem-destino não se dará mais em esforços humanos ou algo totalmente imaginário. A reviravolta é que Deus agora vem para encontrar o homem. Deus, em Jesus Cristo, desce e faz Presença no meio dos homens. O anúncio cristão vai dizer que isso ocorreu de fato: Deus interveio. A categoria da Possibilidade respalda essa ação, que é de livre escolha de Deus nos seus métodos. Jesus se torna o seu método por excelência.

Esse homem que diz ser Deus vira então o centro da história humana. Os grandes eventos da vida de Jesus se tornam ponto central da vida de cada homem: vida, paixão, morte e ressurreição. Esses temas foram trabalhados através dos conceitos de: **Encarnação:** que se torna o método que Deus considerou oportuno usar para que o homem pudesse chegar até Ele; depois a **Redenção:** através do seu gesto de sacrifício, amor e misericórdia; por fim a **Ressurreição:** pois com ela Cristo plenifica toda a obra redentora de Deus, se tornando Presença no mundo, no mundo novo.

É necessário colocar a prova se tudo o que esse Homem de fato diz ser, é verdade. Com esses conceitos cristológicos, faz-se uma retroação na vida de Jesus Cristo, marcada de

Santidade e Entrega, que sob a ótica de cada evangelista toma um tom novo, realçado em algum aspecto. O objeto da revelação é sim o próprio Deus, mas, esse Deus vivo interveio na história humana de modo que remeta a uma Testemunha por excelência: o Verbo Encarnado. Com o método exposto e a inteligência que Jesus apela constantemente nos seus discípulos no decurso do Evangelho, vai-se delineando ao longo do trabalho o que significa Jesus ser a Pretensão da vida humana. Com rico embasamento bíblico, o intuito foi passar de um “senso religioso” para um “senso de Cristo”. Aos poucos vai ficando claro que a pretensão dEle é ser tudo em todos, é preencher o coração humano de modo que somente Deus pode fazer, pois Ele e o Pai são um.

Essa Presença arrebatadora e essa personalidade extremamente madura e consistente, vai fazendo de Si mesmo o centro afetivo de todos os que o seguem e o deixam tocar por esse Homem. Jesus como plenitude do Senso religioso vai ser justamente esse Homem que, conquistando outros homens, se faz Perene na história humana elevando todos os seus a Si. Aqui, todas as premissas vistas no início do trabalho (realismo, razoabilidade, moralidade) são plenamente iluminadas no encontro com o Cristo. Cristo vira o pilar do Senso Religioso. O Senso Religioso se torna Senso de Cristo para aqueles que se abrem ao confronto de sua vida com a proposta da Pretensão de Jesus e descobrem, no íntimo do seu coração, que essa proposta é totalmente real, razoável e moral.

Entra, assim, na problemática da continuidade dessa Presença. Jesus Cristo após ressuscitar e subir aos céus, não deixa os seus a mercê das intempéries, mas ao contrário, promete estar junto até o final dos tempos. Como isso se dará? Como é possível, dois milênios depois dessa experiência inicial, chegar a certeza dessa Pretensão nos dias de hoje? Essa problemática se dá naquilo que se chama hoje “Igreja”. Para Jesus ser, hoje, a plenitude do Senso Religioso do homem, é necessário que haja uma abertura para a experiência com a Igreja, pois ela se define como prolongamento do Cristo Presente e Oculto. Sem a abertura de coração para vivenciar aquilo que a Igreja pretende ser, o homem corre o risco de soterrar o seu próprio Senso Religioso, ou pelo menos não alcançar o ponto máximo dele. Do mesmo modo que Jesus é o método de Deus, vai se esclarecendo que a Igreja é o método de Jesus, o seu Sacramento Visível e Instrumento de Salvação no mundo.

O cristianismo entra no mundo para contestar a ruína do homem, que é consumada onde o homem perde o nexos com Deus. Cristo veio para que o homem pudesse ser homem, em plenitude. O homem que de modo lento ou rápido deixa de lado a possibilidade formar uma opinião sobre Cristo e sobre a Igreja vai impedindo, aos poucos, a si mesmo de se tornar cada vez mais homem. A proposta da Igreja é, nesse sentido, adentrar toda a dramaticidade humana e oferecer

ao homem aquilo que ela tem para si de mais precioso e de mais maduro que possa existir na experiência humana: Jesus Cristo.

Não é só a Igreja que oferece e possui palavra nessa relação, mas o homem também é convidado a colocar em jogo sua vida, sua vida inteira. O esforço do ser humano é comprometer a vida na verificação dessas palavras eternas. Levar a vida a sério é levar todas as dimensões que a constituem a sério, incluindo o Senso Religioso que busca emergir a todo instante, em cada ato humano. Esse Senso encontra seu cume no Cristo. Ele, por sua vez deixa a Igreja como instrumento dessa força Divina que emana dele. A Igreja nos apresenta Ele e convida cada homem à fazer a experiência desse encontro. O homem, levando a sério sua dimensão transcendental se posiciona diante desse desafio. Esse é o crescimento saudável na vida religiosa, na vida de ser transcendente. Com a experiência sendo verificada, têm-se a convicção: sim, esse Homem é o que ele diz ser, e se é verdade o que Ele é, também é verdade a estatura que o ser humano pode chegar ao se abrir para esse Encontro.

Com o término do estudo, abre-se perspectivas e questionamentos acerca de todo o processo de Jesus como plenitude do Senso Religioso: em primeiro lugar **O problema fundante do Senso Religioso:** se todos possuem essa dimensão, como explicar a dificuldade de acessá-la nos dias atuais? Como reacender, nos dias de hoje, essa dimensão soterrada por tantas e tantas vozes que falam ao ser humano? O que Deus tem a ver com a vida humana?; depois **O problema de Cristo:** se é difícil arranhar a estrutura do Senso Religioso de como consciente, como fazer a transposição para um Senso de Cristo? Como trabalhar não apenas o conceito de Jesus Cristo, mas trazer a sua figura (sua personalidade) como algo relevante para a vida concreta do homem?; por último, **O problema da Igreja:** como atualizar para o mundo contemporâneo aquela força arrebatadora que fizeram dos discípulos missionários até o martírio? Como isso se aplica nos últimos pontificados? A incidência do próprio Concílio Vaticano II na abordagem explicitada.

De qualquer modo, o percurso feito dentro do estudo coloca o homem diante de si mesmo e das suas indagações mais profundas. A pessoa de Jesus vem para fazer presença diante dessas dúvidas e a figura da Igreja surge no mundo como auxílio, farol para que o homem não se perca no hoje da vida. Basta apenas um simples gesto de abertura, de disposição do coração para dar voz àquele feixe de exigências que teima em ser agulhão na vida do homem e que, se o homem estiver atento, passa a ser motivo não de dor ou angústia diante do insondável, mas sim uma possibilidade luminosa de Salvação.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, T. **Suma Teológica**. Campinas: Ecclesiae, 2020, volume: 1. 1a *pars*.
- BÍBLIA** de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- CATECISMO** da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 1999.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- Denzinger, H.; Hunermann, P. **Compêndio dos Símbolos, Definições e Declarações de Fé e Moral**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática “*Dei Verbum*”. São Paulo: Paulus, 1994.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática “*Lumen Gentium*”. São Paulo: Paulus, 1994.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*”. São Paulo: Paulus, 1994.
- EICHER, P. **Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia**. São Paulo: Paulus, 1993.
- GIUSSANI, L. **Decisão para a existência**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1991.
- GIUSSANI, L. **É possível viver assim?**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008.
- GIUSSANI, L. **Em busca do rosto do homem**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1996.
- GIUSSANI, L. **Na origem da Pretensão Cristã**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- GIUSSANI, L. **O caminho para a verdade é uma experiência**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006.
- GIUSSANI, L. O milagre da mudança. In: **Exercícios da Fraternidade**. São Paulo: GT, 1989.
- GIUSSANI, L. **O senso de Deus e o homem moderno**: a questão humana e a novidade do cristianismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- GIUSSANI, L. **O senso religioso**. São Paulo: Paco, 2017.
- GIUSSANI, L. **Por que a Igreja**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015.

GUARDINI, R. *La existencia del cristiano*. Madrid: B.A.C., 1997.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Redemptor Hominis*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_04031979\\_redemptor-hominis.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html)>. Acesso em: 15.05.24.

JUSTINO. **Apologia I**. Disponível em: <<https://apologistascaticos.com.br/obraspatristicas/Obras/PadresSecII/SaoJustinoMartir/ApologiaI.html>>. Acesso em: 13.04.24.

PIO XII. Carta Encíclica *Mystici Corporis*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/pius\\_xii/encyclicals/documents/hf\\_pxii\\_enc\\_29061943\\_mystici-corporis-christi\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_pxii_enc_29061943_mystici-corporis-christi_po.html)>. Acesso em: 20.05.24.

Revista **PASSOS**, n. 73, junho de 2006.

SAVORANA, A. **Luigi Giussani**: a sua vida. Coimbra: Tenacitas, 2017.